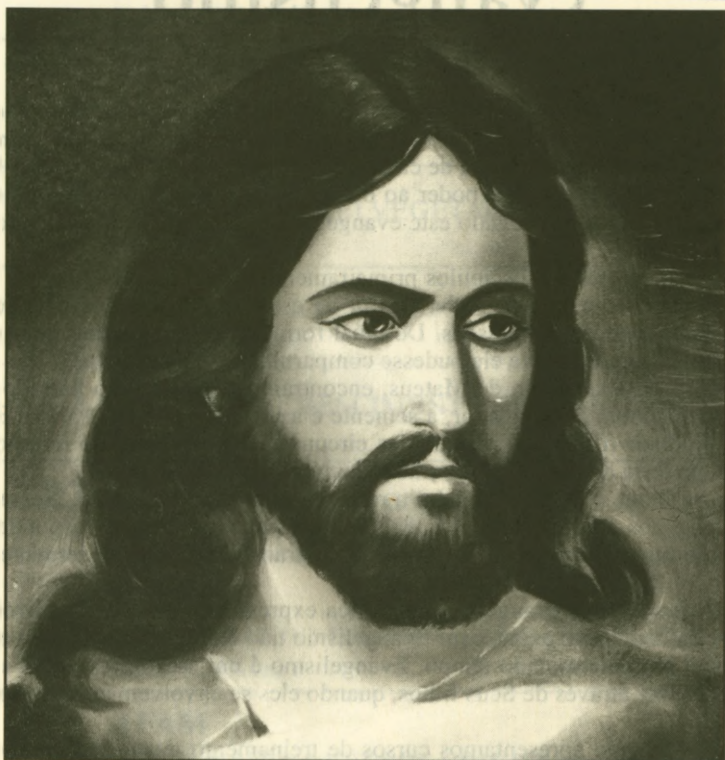

MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Casa Publicadora Brasileira

- BIBLIOTECA -

TATUI



E O VERBO SE
FEZ CARNE

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

A isto chamamos evangelismo

Ao ascender ao Céu, Jesus tinha em mente apenas um meio para que o mundo inteiro conhecesse o Seu amor redentor e o Seu poder transformador: a pregação do evangelho. Essa tarefa deveria ter a participação direta de cada crente. “Portanto, ide”, disse Ele, “fazei discípulos...” E ainda: “Mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo e sereis Minhas testemunhas...” “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, então virá o fim.”

É interessante notar que os discípulos primeiramente estiveram relacionados com Cristo, dEle aprendendo, recebendo Seu poder, a fim de estarem capacitados para relacionar-se evangelisticamente com outras pessoas. De igual forma, hoje, a vida de um cristão deveria ser uma “boa nova”, antes de que ele pudesse compartilhar as “boas novas”.

No capítulo 13 do Evangelho de Mateus, encontramos esse assunto narrado de maneira muito clara. Na parábola do sementeiro, a semente é a mensagem (Mat. 13:19). Ela tem dificuldade para produzir frutos, em virtude das circunstâncias adversas do terreno; mas a semente que cai em terra boa produz frutos abundantes. Qual a razão disso?

A segunda parábola, a do joio, contém a resposta para essa indagação. Nessa parábola, a semente refere-se aos crentes (Mat. 13:38). Noutras palavras, os que respondem positivamente à semente (mensagem) na primeira parábola, transformam-se em semente na segunda parábola.

Segundo tal perspectiva, evangelismo significa expressar o que Deus realizou em minha vida, e a maneira como isso aconteceu. Evangelismo não é simplesmente uma atividade especial limitada a um determinado tempo. Evangelismo é um estilo de vida. É a demonstração do que Cristo faz através de Seus filhos, quando eles se envolvem em proclamar, ensinar e servir.

Por que então quando apresentamos cursos de treinamento evangelístico, mostramo-nos mais preocupados em ensinar ao povo como *dizer* a mensagem, em lugar de ensinar-lhes a *ser* a mensagem?

Nisso devemos refletir. - *Alejandro Bullón.*

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obrigos

Ano 66 – Número 04 – Jul./Ago. 1995 – Periódico Bimestral

Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Casa Publicadora Brasileira

- BIBLIOTECA -

TATUF

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 A ISTO CHAMAMOS EVANGELISMO

Alejandro Bullón

ENTREVISTA

4 O MINISTÉRIO É UM MILAGRE DE DEUS

Robson M. Marinho

ARTIGOS

8 O ATEÍSMO E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Jorge N. N. Schemes

11 COMO ME TORNEI VEGETARIANA

Heather M. Bowen

15 E O VERBO SE FEZ CARNE

Herman Bauman

21 RAZÕES DO CRESCIMENTO EVANGELÍSTICO EM NATAL

Luiz Nunes

23 UM ENCONTRO ESPECIAL

Wilson Sarli

PASTOR

25 PASTOREANDO EM UM MUNDO COMPLEXO

David E. Thomas

AFAM

28 PRISIONEIRA DE JESUS CRISTO

Kima Jude

31 BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Edinor Max Gruber; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Chefe de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefé Carvalho; Moisés Batista de Souza.
Capa: Heber Pintos

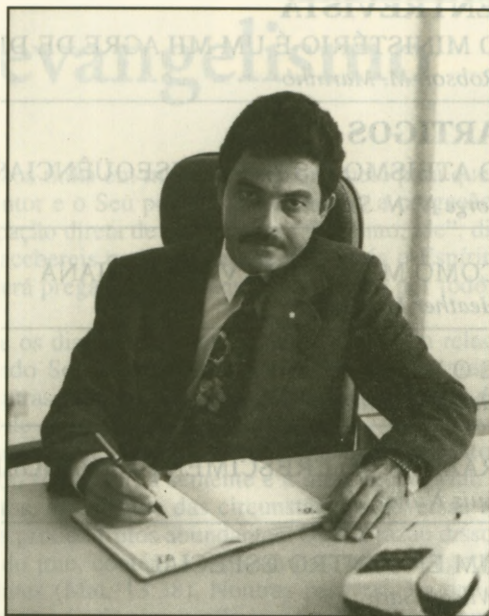
Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuf, SP.

O ministério é um milagre de Deus

Nascido em Fortaleza, CE, em 1957, o Pastor Robson Moura Marinho é fruto de um lar adventista e recebeu sólida educação cristã. Concluiu a Faculdade de Teologia, em 1978, no ENA, tendo cursado dois anos também no IAE. Fez o mestrado entre 1985 e 1988 e, atualmente, estuda o doutorado no IAE, campus central.



Pastor Robson M. Marinho.

Iniciou suas atividades pastorais como obreiro bíblico em Fortaleza, assumindo depois o distrito de Iguatu, CE. Foi diretor de escola em São Luiz, MA, e em Fortaleza. Retornou ao ministério pastoral, assumindo o distrito de Monte Castelo, na capital maranhense, onde permaneceu por três anos e meio. Durante um ano, liderou a Igreja Central de Fortaleza, sendo posteriormente nomeado departamental J.A. e de Educação da Missão Costa-Norte, de onde foi para a Casa Publicadora Brasileira, como redator. É casado com Rosênia Cerqueira Marinho e tem duas filhas: Roniã e Rosilei. No momento, pastoreia a igreja do IAE, campus de São Paulo, onde recebeu o editor de Ministério para a seguinte entrevista:

MINISTÉRIO: *Pode precisar em que momento ou circunstâncias sentiu-se chamado para ser um pastor?*

PASTOR ROBSON: Bem, até quando ingressei no segundo grau, meu pensamento era cursar Arquitetura. Por volta do segundo ano, comecei a sentir uma impressão muito forte no sentido de que deveria servir a Deus como ministro. Passei um ano refletindo e orando muito. Finalmente

concretizei a decisão, dedicando os poucos dons que tenho a Deus e ao ministério. E Lhe sou muito agradecido por este privilégio.

MINISTÉRIO: *Qual é o segredo do sucesso pastoral, para o senhor?*

PASTOR ROBSON: O sucesso no ministério não depende de alguém revolucionar o programa da igreja. Desde cedo, percebi que na igreja alguns departamentos funcionavam e outros não. Então, ao ingressar no ministério, já tinha a idéia de que se pudesse encontrar uma maneira pela qual todos os setores funcionassem, isso já representaria uma boa pista para solução de inúmeros problemas. Assim tenho procurado fazer; não procurando inovações, mas buscando fazer funcionar o que já existe. Isso requer a colocação de pessoas certas nos lugares certos, treiná-las, apoiá-las e dotá-las dos recursos necessários.

MINISTÉRIO: *Nesse caso, o papel da Comissão de Nomeações também é fundamental.*

PASTOR ROBSON: Para mim é um momento-chave da administração de uma igreja. Eu passo geralmente o ano inteiro pensando em quais pessoas poderiam assumir a liderança de certos departamentos, notadamente aqueles como Escola Sabatina, Ação Missionária, Jovens, etc., entre outros. Não creio que a Comissão de Nomeações deva funcionar como uma loteria. Alguns criticam o gesto de se levar a essa comissão alguns nomes para serem sugeridos, mas eu quero dizer que nunca dirigi uma Comissão de Nomeações sem ter uma lista de nomes de pessoas que avalei durante o ano, dando-lhes oportunidades para se desenvolver. Isso não significa imposição. Algumas vezes a comissão apresenta outros nomes, que são aceitos. Mas, eu até diria, que isso representa cinco por cento dos casos. O pastor tem condições de observar o potencial das pessoas que podem ajudar.

MINISTÉRIO: *O que significa pastorear uma comunidade quantitativa e qualitativamente tão expressiva, como a igreja do IAE?*

PASTOR ROBSON: É um desafio muito grande. Tanto no sentido administrativo, como pastoral. Trata-se de uma comunidade intelectualizada e isso exige mensagens bem preparadas. Mas, outro dia li que motivação é manter o potencial desafiado. Então, quanto maior o desafio, maior a motivação para fazer o melhor possível. Tem sido uma experiência positiva de aprendizado constante. A carga de trabalho é grande, mas os recursos humanos correspondem plenamente. A igreja aqui conta com pessoas preparadas para quaisquer áreas de ação.

MINISTÉRIO: *Que diferenças existem entre liderar uma igreja como esta, e um distrito normal, no Campo?*

PASTOR ROBSON: Honestamente, não creio que existam muitas diferenças. Talvez elas se concentrem um pouco mais no aspecto administrativo. Aqui, tenho que atender interesses da igreja, do colégio (envolvendo alunos, etc.), e da Associação, que espera o cumprimento do programa missionário. Mas as necessidades das pessoas são sempre as mesmas. O ser humano, quem

quer que seja, é pecador e necessita de salvação. Todos necessitam do bálsamo que é Cristo, e, como membros da igreja, também necessitam ser motivados para a missão. Nesse sentido, todas as igrejas são iguais.

MINISTÉRIO: *Falando em diversificação de interesses, como é possível conseguir-se a harmonia?*

PASTOR ROBSON: Sem dúvida, é preciso ter sabedoria para ajustá-los. Mas estamos vivendo, aqui no IAE, uma fase muito boa, do ponto de vista administrativo. E aqui vai uma palavra de apreciação à administração do colégio com sua visão pastoral. O Pastor Nevil Gorski, diretor geral, apóia todos os programas do Campo. Algumas vezes existem conflitos, envolvendo datas, etc., mas tudo acaba sendo bem resolvido.

MINISTÉRIO: *Como funciona a estrutura administrativa desta igreja?*

PASTOR ROBSON: Possuímos 60 anciãos que realizam um bom trabalho de visita-

ção. Um pastor auxiliar também ficava responsável pelo atendimento à comunidade externa. Recentemente, aceitou um outro chamado e ainda não

Motivação é manter o potencial desafiado.

temos substituído. Há também um pastor que atua como obreiro bíblico, atendendo interessados da classe bíblica. Durante dois dias, por semana, um conselheiro matrimonial, Dr. José Carlos Ebling, dá atendimento a casais com dificuldades. Tudo isso alivia tremendamente a nossa carga.

MINISTÉRIO: *Como é o seu dia-a-dia de pastor do IAE?*

PASTOR ROBSON: Em princípio, dedico as segundas e terças-feiras para as atividades administrativas e assuntos ligados aos vários departamentos. Quarta-feira é o dia de atendimento aqui na sala pastoral. Permaneço de plantão o dia todo e não há horário vago. Na quinta-feira, realizo visitas pastorais, dou estudos bíblicos, e atendo casos especiais para os quais houve solicitação. Sexta-feira é o dia de preparo para as programações de sábado. O domingo é dedicado à família. Mas essa agenda é passível de flexibilização, de acordo com a urgência do assunto e a necessidade das pessoas envolvidas.

MINISTÉRIO: *Qual é a estratégia utilizada para evangelização dos alunos?*

PASTOR ROBSON: A evangelização do internato não tem sido muito fácil, por não

termos um pastor somente para o campus. No passado havia esse pastor exclusivo para alunos internos, mas agora há pastores distribuídos por cursos e que acabam absorvidos mais pelos alunos externos. Juntamente com o pastor auxiliar, temos ido aos dormitórios fazendo contatos com os alunos e atendendo os interessados que surgem. Alguns professores também dão estudos bíblicos e, muitas vezes, já nos apresentam os alunos prontos para o batismo.

MINISTÉRIO: *Que tal a resposta da igreja às investidas missionárias?*

PASTOR ROBSON: Como em todo lugar, há um grupo relativamente pequeno que se envolve. E que, obviamente, não chega a ser a maioria. Em nosso caso, não temos o culto de domingo, que é o culto evangelístico. Quarta-feira, somente os alunos assistem. Então aproveitamos o sábado para promover os programas, distribuir material e incentivar a participação.

MINISTÉRIO: *No seu modo de ver, os resultados em batismos são satisfatórios?*

PASTOR ROBSON: A igreja tem um alvo de 130 batismos por ano, e, graças a Deus, nos últimos dois anos chegamos a perto de 150. Neste ano, repetiremos o feito. Para uma igreja com características tão peculiares, isso é satisfatório.

MINISTÉRIO: *O púlpito de sua igreja representa uma preocupação especial?*

PASTOR ROBSON: A igreja do IAE é altamente exigente em relação ao púlpito. Diante de uma mensagem considerada imprópria ou fraca, a cobrança é imediata e forte. O povo está acostumado a ouvir bons pregadores. Até pouco tempo, estavam aqui os professores de Teologia. Mas ao longo do meu ministério, o púlpito sempre foi a prioridade número um, mesmo em igrejas menores. Não me lembro de ter assumido o púlpito num sábado sem estar devidamente preparado. Essa preocupação permanece. Para se ter uma idéia, gasto invariavelmente cerca de 15 a 20 horas no preparo de um sermão para a igreja do IAE, entre pesquisas, reflexão, e a própria redação da mensagem. Às vezes gasto até mais tempo. Nunca menos. Mas isso é uma necessidade indispensável. Na semana em que vou pregar, reduzo vários outros compromissos, para dedicar mais tempo ao preparo do sermão. O cuidado se estende também à escolha de outros pregadores. A igreja necessita de bom alimento espiritual.

MINISTÉRIO: *O senhor acha que a Igreja está correspondendo às expectativas do jovem moderno?*

PASTOR ROBSON: Embora reconheça que a Igreja esteja se esforçando bastante, acredito que ainda necessita fazer muito mais. É admirável o esforço dos departamentos em produzir material, mas a juventude está atravessando uma fase muito difícil. As pressões do materialismo e secularismo são muito fortes e, realmente, não é fácil oferecer um programa atraente a essa juventude. Aqui, temos buscado envolver os jovens do internato e os do externato, nas diversas programações. Então há uma soma de idéias que fortalece o conteúdo daquilo que procuramos oferecer aos jovens da igreja. No entanto, jamais devemos esquecer que a necessidade básica do jovem é Cristo. A igreja pode e deve ter atrações para o jovem. Mas o principal é encaminhá-lo a Cristo.

MINISTÉRIO: *Qual o perfil de um pastor para os jovens?*

PASTOR ROBSON: Esse perfil deve ter, em resumo, três características básicas: primeiro, o pastor deve ser cristão, para poder inspirar o jovem. O jovem precisa sentir que pode confiar no pastor, como um homem que se relaciona bem com Jesus. Ele gosta de que o pastor brinque, participe de atividades sociais ao seu lado, mas quer encontrar no pastor uma fonte de auxílio espiritual. Depois, deve ser amigo dos jovens. Ele pode até ser um bom pastor, e ao se aproximar dos jovens será bem recebido, por cortesia e respeito. Mas se não for amigo, os jovens não vão se abrir para ele. A terceira característica é coerência. O pastor tem de ser muito coerente. Mesmo que o pastor esteja se esforçando para agradá-lo, em alguns momentos, o jovem percebe facilmente a incoerência, em outras ocasiões, quando sente distanciar-se o apoio do pastor.

MINISTÉRIO: *Entre as coisas que o jovem questiona às vezes, está a liturgia da igreja. Aí surge a questão do culto celebração. Que acha disso?*

PASTOR ROBSON: Eu tenho ouvido diferentes idéias e opiniões sobre o movimento *celebration*. São críticas e elogios. Pelo que já ouvi e li, cheguei à conclusão de que o movimento surgiu como reação à frieza do culto tradicional. Com base nisso tudo, acho que devemos encontrar um ponto de equilíbrio. Nem a frieza tradicional, nem o exagero do *celebration*. Precisamos ser afetuosos,

atenciosos e carinhosos para com os visitantes e participantes do culto. Parece que esse envolvimento é um ponto forte do movimento. Podemos, sim, tornar nossos cultos mais alegres, com boa música, sermões de acordo com a realidade do dia-a-dia, mais vibrantes, dentro dos limites da ordem e da decência.

MINISTÉRIO: *Qual o fato mais gratificante destes cinco anos de pastorado no IAE?*

PASTOR ROBSON: O que mais me gratifica aqui, e em todo o meu ministério, é poder acompanhar e trabalhar com algumas pessoas, adultos ou jovens, e vê-las sair da apatia para o envolvimento com a igreja. É claro que levar uma pessoa ao tanque batismal significa muito. Enche o coração de qualquer pastor. Mas o que, particularmente, me faz vibrar mesmo é ver pessoas desse tipo recuperar o entusiasmo e a alegria de participar. Restaurar a confiança na igreja e no ministério. Voltar a viver a alegria de redescobrir o verdadeiro relacionamento com Jesus. E desfrutá-lo plenamente.

MINISTÉRIO: *Poderia citar uma experiência, que considera marcante, em seu trabalho?*

PASTOR ROBSON: Estou lembrando do caso de uma jovem com sérios problemas familiares. Fui procurado por uma pessoa da igreja, que me falou a seu respeito, pedindo ajuda para a jovem, que já se envolvera com drogas e mantinha relacionamentos bastante duvidosos. Procurei-a, tentando fazer amizade, convidei-a para nossos acampamentos, programas do Encontro J.A., e pouco a pouco ela começou a mostrar sinais de mudança. Dona de uma boa voz, logo foi convidada para cantar, o envolvimento foi crescendo e a transformação aconteceu. Hoje, ela participa como professora de uma unidade da Escola Sabatina. Para mim, são experiências assim que considero marcantes para meu ministério.

MINISTÉRIO: *Que critérios deveriam nortear o relacionamento de um pastor com sua igreja?*

PASTOR ROBSON: Eu entendo que a igreja pode ser liderada segundo dois modelos básicos: o modelo centralizador, onde o pastor dita as ordens e os membros obedecem de maneira automática. Isso funciona

muito bem num quartel ou numa delegacia. Mas, atualmente, já não encontra respaldo numa igreja. Se no passado foi eficaz, não é mais o caso hoje. O outro modelo, poderíamos chamar de modelo empresarial, em que a igreja é uma empresa espiritual, e o membro é um cliente. Assim como as empresas seculares se empenham em conquistar seus clientes, a igreja deve também se esmerar para conquistar seus clientes espirituais – membros e visitas. Isso exige maior esforço, por parte do pastor, no sentido de ser cativante e procurar oferecer uma variedade de serviços que contribuam para o bem-estar do público. A igreja não deveria ser como algumas lojas onde só se encontra um determinado tipo de produto, mas como um supermercado, onde exis-

A igreja não é um quartel,
nem uma loja de um só
produto. A igreja deve
ser um supermercado de
variedades.

te variedade. Aí, uma pessoa encontra o que desejar. Assim é a igreja. Toda pessoa deveria sentir-se bem ao procurar e encontrar nela aquilo que lhe faz bem. Em suma, o pastor deve fazer tudo para agradar a sua igreja. Nada de imposições, nada de “fazer média” com quem quer que seja, em detrimento de sua igreja. Ele deve servir à igreja.

MINISTÉRIO: *Dê uma mensagem aos nossos leitores.*

PASTOR ROBSON: Duas coisas: certa ocasião, li um pensamento, segundo o qual o risco do fracasso é o preço do sucesso. O pastor deve estar disposto a correr riscos, até de fracassar, mas deve empreender grandes coisas. Se tiver medo do fracasso, acaba não fazendo nada. A outra coisa é relacionada com minha visão a respeito do ministério. O ministério é um milagre da graça de Deus. Somos pastores dependentes dessa graça, portadores de falhas próprias da humanidade, mas aos quais Deus conferiu o privilégio de levar a outras pessoas a salvação de que nós mesmos carecemos. Isto só é possível através de um milagre divino. É um milagre Deus conduzir Sua Obra na Terra, preparar um povo para a volta de Jesus Cristo, através de homens imperfeitos como nós. Esta realidade deve infundir-nos um sentimento de dependência dEle, em todas as nossas ações. Nada é feito ou conseguido por nós mesmos. E por isso também devemos ser-Lhe constantemente agradecidos.

O ateísmo e suas conseqüências

JORGE N. N. SCHEMES

*Professor de Bíblia na Escola Adventista
Siegfried Hoffmann, em Florianópolis, SC.*

Disse o néscio no seu coração: Não há Deus. Têm-se corrompido, fazem-se abomináveis em suas obras, não há ninguém que faça o bem.” (Salmo 14:1).

No dia 26 de novembro de 1793, a França, por decreto de sua Assembléia Legislativa, declarou que Deus não existia, o que foi motivo de grande alegria para todos os seus habitantes, com excessão daqueles que escolheram permanecer fiéis a sua fé na existência de um Deus todo-poderoso e eterno.

Esse decreto vigorou até o dia 17 de junho de 1797, quando o governo francês o revogou, e outra vez se permitiu a prática da religião no país. Porém, durante o tempo de sua vigência, foram queimadas muitas Bíblias, e a Palavra de Deus foi oficialmente rejeitada.

A França estava tentando destruir a Palavra do Senhor, declarando guerra à religião, estabelecendo mais fortemente as sementes do ateísmo. Para isso, algumas medidas foram adotadas. Dentre elas citamos as principais: 1) Além de se proibir a adoração a Deus, foram fechados todos os templos; 2) decidiu-se que a semana teria dez dias; 3) abandonou-se o dia de descanso, consagrando-se, em seu lugar, um dia em cada dez para orgia e blasfêmia; 4) negou-se abertamente a existência de Deus; 5) nomeou-se uma mulher imoral como “deusa da razão”, e as pessoas foram convidadas a adorá-la; e 6) proibiu-se todo tipo de culto religioso, e cerimônias como o batismo e a comunhão.

Ao idolatrarem a razão humana, o povo francês e todos aqueles que apoiaram as medidas tomadas contra Deus, Sua Obra e Sua Palavra, acabaram cumprindo o que Paulo

escrevera aos cristãos romanos: “Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos, e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível...” (Rom. 1:21-23).

As conseqüências

Diante de tal atitude, poderia surgir uma pergunta: Seria o mundo pior ou melhor sem a Bíblia, religião, ou sem a crença na existência de Deus? Para respondê-la, é bastante uma averiguação do que Ellen White escreveu em *O Grande Conflito*, páginas 271 a 281, sobre a situação da França no período em que vigorou o famigerado decreto. Dali se depreende que durante os três anos e meio de ateísmo oficializado, a França experimentou um estado de revolta e anarquia. Diz Ellen White, “quando as restrições da Lei de Deus foram postas de lado, verificou-se que as leis dos homens eram impotentes para sustar a onda da paixão humana e a nação descambou para a revolta e anarquia”.

Houve uma intensa batalha contra a Bíblia e muitos exemplares foram queimados publicamente. A paz e a felicidade foram banidas dos lares e dos corações. Ninguém se achava seguro, uma vez que a violência e a cobiça exerciam incontestável domínio. Todos os considerados suspeitos de hostilizar a revolução foram ameaçados de morte. As prisões estavam repletas, abrigando algumas vezes mais de duzentos mil prisioneiros.

ros. Multiplicavam-se nas cidades as cenas de horror, sem a menor demonstração de misericórdia em relação a sexo ou idade. A França, enfim, tornou-se um vasto campo repleto de pessoas dominadas pela fúria das paixões.

“Tudo como Satanás queria”, afirma Ellen White, acrescentando que “durante séculos se empenhara por consegui-lo. Sua política é o engano desde o princípio até o fim, e seu propósito fixo é acarretar a desgraça e a miséria aos homens. Desfigurar e aviltar a obra de Deus, desvirtuar os propósitos divinos de benevolência e amor, ocasionando assim o pesar do Céu”.

As palavras de Paulo bem poderiam ser aplicadas àqueles dias: “Não há justo, nem sequer um, não há quem entenda, não há quem busque a Deus, todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há um sequer. A garganta deles é sepulcro aberto, com a língua urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios, a boca deles a têm cheia de maldição e amargura; são os seus pés velozes para derramar sangue, nos seus caminhos há destruição e miséria; desconhecem o caminho da paz. Não há temor de Deus diante dos seus olhos.” (Rom. 3:10-18).

A vitória de Deus

No ardor da incredulidade, Voltaire disse orgulhosamente: “Se foram necessários doze pescadores ignorantes para levar adiante o Evangelho de Jesus Cristo, eu mostrarei que basta um francês para destruí-lo. Daqui a 50 anos, ninguém se lembrará de Jesus Cristo.” Ironicamente, no entanto, 25 anos depois dessa orgulhosa declaração, as sociedades bíblicas adquiriram a casa que havia sido de Voltaire e a transformaram num depósito de exemplares da Bíblia.

O que Deus estabelece permanece eternamente. “As obras de Suas mãos são verdade e justiça; fiéis todos os Seus preceitos. Estáveis são eles para todo o sempre, instituídos em fidelidade e retidão.” (Salmo 111:7 e 8). O profeta Isaías, por sua vez, acrescenta: “Seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a Palavra de nosso Deus permanece eternamente.” (Isa. 40:8).

Apesar da tentativa de destruição da Palavra do Senhor, a França foi obrigada a revogar seu decreto ateuista e admitir novamente a prática da religião e a leitura da Bíblia.

Afinal, era o que estava predito pelo apóstolo João: “Mas, depois de três dias e meio, um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou e eles se ergueram sobre seus pés, e àqueles que os viram sobreveio um grande medo; e as duas testemunhas ouviram grande voz vinda do Deus, dizendo-lhes: subi para aqui. E subiram ao Céu na nuvem, e os seus inimigos as contemplaram.” (Apoc. 11:11 e 12). Como sabemos, as duas testemunhas representam as Escrituras do Velho e Novo Testamentos.

Assim, a Palavra de Deus que por três anos e meio foi vencida e morta (Apoc. 11:7), ressuscitara e estava subindo cada vez mais.

“Esta exaltação das testemunhas tem sido entendida como simbolizando a notável popularidade que as Escrituras têm desfrutado desde o início do século XIX. Logo após a Revolução Francesa, várias sociedades bíblicas nacionais foram estabelecidas. Particularmente notável entre elas, são a *British and Foreign Bible Society*, fundada em 1804, e a *American Bible Society*, organizada em 1816. Essas sociedades, juntamente com outras, têm feito circular as Escrituras pelo mundo em mais de mil línguas. Desta sorte, no último século e meio, a Bíblia ao invés de ser relegada ao esquecimento como guia espiritual, veio a desfrutar a sua mais ampla circulação.” (*Comentários sobre Apocalipse*, vol. 2, pág. 190).

Ateísmo hoje

A influência do ateísmo, que teve seu ponto culminante nos dias da primeira República da França (1789 a 1801), espalhou-se para o Norte e Oriente, estendendo-se até a Rússia. A Revolução Russa de 1917 constituiu-se, em parte, num ataque contra a religião, uma vez que favorecia o ateísmo. Esse vírus espalhou-se através de todo o mundo, ganhando adeptos, infiltrando-se inclusive nos currículos escolares, e sob um disfarce científico pretende hoje desafiar a auto-revelação de Deus nas Escrituras. O ateísmo já envolveu grande parte do mundo e continua crescendo. Por essa razão, a missão dos três anjos de Apocalipse 14 é reivindicar a honra de Deus como Soberano e Criador do universo (Apoc. 14:6-12).

Deus está sendo expulso de muitos corações atualmente. A filosofia ateuista está presente nas escolas públicas e particulares,

através do ensino evolucionista, inculcado na mente dos estudantes não como uma teoria, mas como a única fonte de verdade acerca das origens da raça humana.

Nas universidades, ser um ateu significa *status*, e muitos professores são exaltados por suas declarações ateístas, como se fossem donos da verdade. Professores e alunos se orgulham de sua descrença. Deus está sendo rejeitado, e as conseqüências estão sendo vistas e sentidas, através do caos moral, fruto das idéias anárquicas que minam as bases da sociedade. Milhares de jovens recorrem ao uso das drogas tentando encontrar a paz que a filosofia ateísta não pode oferecer.

Não há dúvida de que a única solução é o retorno a Deus, como bem o disse Santo Agostinho: "Tu nos criaste para Ti, e nosso coração estará ansioso enquanto não encontrar repouso em Ti." Will Durant certa vez afirmou que "o grande problema de nossos dias não é o comunismo contra o individualismo, nem a Europa contra a América, nem ainda o Oriente contra o Ocidente... o problema é se o homem pode suportar viver sem Deus".

Razão para crer

Creio na descrença! Essa é a afirmação básica do ateísmo. Porém, infelizmente, a maioria dos ateus jamais se preocupou em pesquisar as razões para sua descrença.

Após uma das minhas aulas, certo aluno procurou-me nos corredores e me disse: "não creio em Deus, professor." Fitei-o bem. Era um aluno aparentemente bem interessado nas pesquisas bíblicas durante as aulas. Participava muito e demonstrava certo interesse. Então, perguntei-lhe a razão de se envolver tanto nas aulas de Bíblia, se não acreditava em Deus. "Se eu não participar, não recebo notas", respondeu-me.

"Muito bem", disse-lhe eu, "você não crê em Deus. Então apresente algumas evidências de que Ele não existe". Vendo-o em silêncio e sem poder responder nada, acrescentei: "Posso apresentar-lhe muitas evidências de que Deus existe, começando com a perfeição e a complexidade dos órgãos do nosso corpo; a ordem que existe na Nature-

za, etc. Veja este relógio. Como acha que ele surgiu? Por acaso? As peças foram-se encaixando por si mesmas?" Sorrindo, o aluno continuou desafiando: "Prove-me que Ele existe." Contestei-lhe sugerindo: "Prove-me que Ele não existe."

Eis a questão. Desgraçadamente muitas pessoas jamais questionaram a própria descrença. Na verdade, a maioria das pessoas jamais se preocupou em pesquisar as razões para sua descrença. É fundamental estabelecer a fé e as implicações da descrença.

Se um crente não pode provar a existência de Deus, um descrente também não pode provar que Ele não existe. O elemento principal não é a prova de que Deus existe ou não existe, mas a fé.

Conclusão

Realmente, é mais sábio crer na existência de Deus. Filosoficamente falando, é mais razoável, mais condizente com a inteligência humana. Por isso Isaac Newton disse que "a ordem admirável do Sol, dos planetas e dos cometas não existe se não de um plano, e segundo a orientação de um ser onisciente e onipotente". Arthur Thompson declarou: "A idéia de Deus é e deveria ser a expressão mais alta da mente humana."

Certamente todos nós já ouvimos a história de um sábio incrédulo que caminhava pela praia, pensando em como poder compreender a Deus. De repente, viu uma criança que com um caracol tirava água do mar e o esvaziava num buraco cavado na areia. "O que estás fazendo filhinho?", perguntou o homem. "Quero colocar toda a água do mar neste buraco", respondeu a criança. O sábio então concluiu: "Ah! É justamente o que eu estou tentando fazer ante o oceano infinito. Querendo colocá-lo em minha mente finita."

A existência de Deus não é uma questão científica, mas filosófica. Não é uma questão para se provar ou não, pois está além da compreensão humana. É um assunto no qual se crê ou não se crê. Uma questão de fé. "De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que Se torna galardoador dos que O buscam." (Heb. 11:6).

Como me tornei vegetariana

HEATHER M. BOWEN

*Pós-graduada em Ciência Animal, pela
California State University, Fresno.*

Tendo crescido nos Estados Unidos durante a década de 60, minha imagem de um vegetariano era aquela estereotipada, semelhante a um hippie, sentado sob uma árvore ruminando brotos de alfafa cultivadas organicamente, e um sanduíche de soja. Esse, naturalmente, não era um pensamento muito atrativo ao paladar de uma criança que desfrutava os churrascos de verão na Nova Inglaterra e mariscos assados. Como a maioria dos conhecidos, nós comíamos carne regularmente; afinal de contas, a carne não apenas era saborosa, mas, todos diziam que ela era importante para a construção de ossos fortes e saudáveis.

Meu primeiro passo na direção de tornar-me vegetariana foi inconsciente. Como adolescente, eu freqüentava uma escola que servia a alimentação onde a comida institucional facilmente trazia à mente as piadas que soldados fazem a respeito da alimentação da caserna. A carne geralmente supercozida, o que lhe dava a aparência de estar nadando em uma grande piscina de gordura, era o objeto da maioria dos gracejos. Comentários sobre a “carne misteriosa” e “comida de cachorro” eram comuns entre os estudantes. Vários dos meus amigos e eu gradualmente deixamos de comer carne.

Quando eu fui para casa, durante as férias de verão, depois do meu primeiro ano fora, parecia quase natural continuar minha dieta vegetariana. Ao me tornar adventista do sétimo dia, aos vinte anos, tornei mais formal essa decisão. Mesmo já tendo aceito a mensagem de saúde ensinada pela Igreja, não foi senão quando iniciei meus estudos de Ciência Animal, na Faculdade, que aprendi as razões científicas que deram forte apoio à minha escolha. Reconhecendo a realidade de que minha experiência e educação como cientista de animais sejam limitadas aos Es-

tados Unidos, penso que muitas destas preocupações são irrelevantes. Assim, gostaria de partilhar alguns fatos que favorecem ao vegetarianismo.

Embora os naturalistas estudem espécies de animais selvagens, aqueles que servem de alimento são a “carne e batatas” dos cientistas de animais. Enquanto freqüentava a Faculdade e estudos graduados, eu pesquisava a carne e leite dos bovinos, ovelhas, aves domésticas e suínos. Um rápido exame dos grupos de animais de abate (bovinos, aves e suínos), para a produção de alimentos na América do Norte, demonstra que o trato com eles, envolvendo procedimentos sanitários, processos de manipulação de carcaças e métodos de cozimento de carne, freqüentemente contribui para as doenças nos humanos. Veremos aqui apenas algumas questões com as quais tenho me defrontado, em meus estudos, expedições de campo e experiências de laboratório.

Problemas maiores

Carne marmoreada. Para dar origem a um produto superior de carne macia, os produtores nos Estados Unidos dão o “acabamento” ao gado, engordando-o com grãos. Esse processo aumenta a gordura da carcaça, inter e intramuscular. O consumidor descreve essa carne como “marmoreada”. Do ponto de vista bíblico, tal processo de “acabamento” também torna a carne inadequada para o consumo, porque em Levítico 3:17 claramente é condenada a ingestão de gordura animal: “Estatuto perpétuo será nas vossas gerações, em todas as vossas habitações: nenhuma gordura nem sangue algum comereis.” Em relação à última parte do verso, os cristãos devem reconhecer que a quantidade de sangue deixada em uma car-

caça regular é muito mais alta do que na caça de um animal abatido segundo o método *kosher*, no qual medidas específicas são tomadas para remover da carne tanto sangue quanto possível.

Carne envelhecida. A busca dos produtores por carne mais macia, não se limita à tentativa de aumentar a gordura do seu conteúdo. A carne que foi "envelhecida" determina um preço mais alto, parcialmente devido ao custo especial do processo. A caça é envolvida em uma mortalha que a molda, e previne que venha a secar-se durante sua permanência em um armário. No processo de envelhecimento, enzimas proteolíticas desintegram alguns dos elos das proteínas, produzindo assim uma carne mais macia. Noutras circunstâncias, esse processo é chamado de apodrecimento. Mas, evidentemente, é mais comerciável dizer que o produto é "envelhecido".

Refeição suína. A proibição levítica de se comer carne de porco (Lev. 11:7 e 8) existe por uma boa razão. Os porcos são naturalmente coprófagos; isto é, eles comem suas próprias fezes. De fato, muitos progressivos e competitivos criatórios de porcos hoje usam uma fonte de alimento chamada *screened swine solids*, ou seja, estrume de porco. A água lava as fezes dos porcos em uma calha onde elas são coadas e usadas posteriormente como alimento para eles. O potencial para disseminar enfermidades é enorme. Num trabalho de pesquisa de campo, onde visitamos um grande criatório de suínos na região central da Califórnia, a nosso grupo não foi permitido entrar na propriedade, sem antes calçar botas protetoras. A preocupação dos fazendeiros não era necessariamente conosco, os humanos que ali estávamos; se uma doença fosse inadvertidamente introduzida na fazenda, eles temiam que ela se espalhasse rapidamente através do rebanho de 40 mil porcos.

Problemas com aves. Os produtos avícolas têm pelo menos uma coisa em comum com a produção suína. Ambos possuem alta densidade de população em um espaço reduzido, apresentando o mesmo potencial de transmissão de doenças.

Carnes processadas. À parte da origem da carne, produtos cárneos preparados tais como frios, salsichas e linguiças vêm com os seus próprios problemas. Na preparação desses produtos, carnes com alto teor de gordura, como a do porco ou a pele de peru, são cortadas por lâminas em alta velocidade. O produto é então envolvido com as proteínas das carnes quase liquefeitas, formando uma massa a qual é cozida ou defumada. O resultado desse processo é um produto com aproximadamente 30% de gordura. Enquanto alguém come um cachorro-quente de doze centímetros, está ingerindo cerca de quatro centímetros de gordura pura.

Para preservar a carne e prevenir a contaminação de bactérias, esses produtos são "curados". Mas os nitratos utilizados no processo formam nitrosaminas nas substâncias cárneas, as quais têm-se demonstrado agentes cancerígenos. Os con-

sumidores normalmente cozinham as carnes em altas temperaturas, quando preparam churrascos ou assam em chama. Nesse processo, a gordura se queima e se introduz na carne, algumas vezes formando componentes perigosos, como o benzopirene, e outros potencialmente cancerígenos.

Doenças. Outra preocupação acerca do consumo de produtos animais é a exposição potencial a zoonoses. A Organização Mundial de Saúde define zoonose como "ondas de doenças e infecções que são naturalmente transmitidas entre outros animais vertebrados e o homem". A raiva é um exemplo de uma zoonose com a qual você pode já estar familiarizado. Mas há outras doenças transmitidas pelo consumo de carnes.

* A falta de higiene durante o abate de gado tornou-se relacionada com a manifestação de uma contaminação bacterial *E. coli*, que resultou em um acentuado número de mortes no Nordeste dos Estados Unidos, há dois anos.

* A triquinose é causada pela *trichinella*, um parasita em porcos infectados. Essas larvas finas entram em quantidade pelo tubo digestivo, localizando-se nos músculos mais ativos do corpo, tais como o músculo da perna, diafragma e língua, onde aparecem cistos dolorosos.

* A salmonelose é o resultado de se co-

O chamado processo de envelhecimento, pelo qual a carne se torna mais macia, é, na verdade, apodrecimento.

mer carcaças de aves com infecção bacteriana. Os resultados são náuseas, vômitos, diarreia e, em alguns casos raros, morte. Recentes surtos dessa doença nos Estados Unidos têm despertado em alguns produtores mais escrupulosos, a proposta de esterilização das aves abatidas com radiação gama.

Existem muitas outras zoonoses, tais como criptosporidiose, tuberculose e listeriose, as quais não podem ser plenamente discutidas aqui.

Carne animal e dieta humana

Ao se estudar uma espécie animal, uma das primeiras áreas de interesse é a sua dieta. Tal como máquinas, os animais requerem o combustível apropriado para funcionar adequadamente. Milhões, talvez bilhões de dólares e incontáveis horas de pesquisa têm sido gastos no processo de se determinar a dieta apropriada para muitos dos animais que servem como alimento. Cuidadosa atenção é dedicada a cada nutriente. A razão para toda essa pesquisa é muito simples: lucro econômico.

Nos animais, uma forma de determinar a dieta apropriada é comparar as características do corpo e o tipo da dieta naturalmente escolhi-

da. Por exemplo, os carnívoros usualmente têm presas longas para rasgar a carne, um tubo digestivo aproximadamente três ou quatro vezes do tamanho do corpo e que é comparativamente liso no interior. Ele é portanto mais ajustado a uma dieta baixa em fibra. Os car-

nívoros também não possuem um alpha-amilase salivar, necessária para diluir certos carboidratos. Os herbívoros, por outro lado, geralmente possuem dentes menores, mais adaptados para moer os alimentos. Seus tubos intestinais são aproximadamente cinco ou seis vezes maior que o tamanho do corpo e são internamente muito ásperos, tornando-os mais adaptados à dieta em fibra.

Os herbívoros também possuem alpha-amilase salivar. Seguindo essas observações, deveria ser óbvio que o cavalo é um herbívoro e o gato um carnívoro. Os dentes humanos são pequenos e mais adequados para moer, nós temos um alpha-amilase salivar,

nosso tubo digestivo é cinco ou seis vezes maior que o tamanho do nosso corpo; e seu interior é bem áspero, adequado para uma dieta alta em fibra. Portanto, essas comparações indicam que a dieta vegetariana é mais adequada para os humanos.

Preocupações adicionais

Enquanto que as observações anteriores apontam na direção de uma dieta vegetariana, estudo posterior fornece evidência mais convincente, como veremos.

Uma área que tem recebido considerável atenção recentemente é a relacionada com o colesterol. Essa substância é um tipo de gordura que existe naturalmente em quase todos os animais. O colesterol é necessário para certos tipos de substâncias indispensáveis para o corpo, tais como hormônios e membranas celulares. É necessária a existência de algum colesterol; mas o excesso, mesmo de algo bom, é sempre prejudicial. Aproximadamente metade das mortes ocorridas nos Estados Unidos, é causada por aterosclerose, a doença na qual o colesterol acumulado nas paredes das artérias forma grossas placas que inibem o fluxo sanguíneo, até que se forme um coágulo, obstruindo uma artéria e causando um ataque car-

díaco ou derrame cerebral. O colesterol das placas esclerosadas é derivado de partículas chamadas lipoproteína de baixa densidade, LBD, que circula na corrente sanguínea. Quanto mais LBD no sangue, mais rapidamente a aterosclerose se desenvolve.

Mas, se o colesterol ou um LBD é natural, por que o corpo lhe permite atingir níveis elevados, em alguns indivíduos? Para explicar isso, é necessária uma compreensão de como o corpo administra o colesterol/LBD.

Na superfície de cada célula, estão localizados os LBD receptores. A função deles é remover a LBD da corrente sanguínea e levá-la para dentro da célula, para um processo de desintegração e processamento em produtos celulares. Normalmente há um grande número de tais áreas receptoras em cada célula. Tem sido descoberto, contudo, que a carne e derivados do leite na dieta podem eliminar o número dessas áreas recep-

A extensão do tubo digestivo e sua aspereza interior indicam que a dieta vegetariana é a mais adequada para os humanos.

toras, mais potentemente que qualquer outro fator, desencadeando uma complexa cadeia de eventos cujo resultado é a elevação da LBD no sangue e o início da aterosclerose.

É inacreditável que a resposta da comunidade científica tenha sido tão lenta e algumas vezes ilógica. Alguns cientistas que conhecem a verdade acerca da carne sentem que não deveríamos promover a dieta vegetariana, simplesmente por causa do impacto social e financeiro na sociedade. Além disso, eles argumentam que apenas a metade das pessoas morrerá de aterosclerose; os outros afortunados são geneticamente resistentes à supressão da LBD. Em lugar de recomendar uma simples mudança na dieta, alguns cientistas baseiam a esperança de boa saúde no desenvolvimento de uma droga preventiva. "Se for demonstrado que estas drogas previnem a supressão dos receptores criada pela dieta e se é demonstrado que as drogas são seguras em uso a longo prazo, pode ser que um dia seja possível para muitas pessoas terem seu churrasco e viverem para saboreá-lo por muito tempo", dizem

Michael Brown e Joseph Goldstein, escrevendo sobre o assunto na *Scientific American*, de novembro de 1984.

Não há suficiente espaço neste artigo, para tratar de outros fatores que deveriam chamar a atenção daqueles que comem carne. A lista incluiria o uso de hormônios e antibióticos na alimentação de animais de corte, e os efeitos negativos que eles exercem naqueles que deles se alimentam, bem como os perigos da ingestão de químicos e outros poluentes em peixes e moluscos.

Um caminho melhor

Então, por que ser vegetariano? Além das razões mencionadas acima, há vantagens nutricionais na adoção de uma dieta vegetariana. Ellen White comenta a dieta original estabelecida por Deus:

"Grãos, frutas, nozes e vegetais constituem a dieta escolhida por nosso Criador. Esses alimentos, preparados da maneira mais simples e natural possível, são os mais saudáveis e nutritivos. ... Deus deu aos nos-

so primeiros pais o alimento que Ele havia designado para a raça humana. Era contrário ao Seu plano tirar a vida de qualquer criatura. Não deveria haver morte no Éden."

Há abundante evidência dos efeitos positivos de se retornar a uma dieta mais simples e natural. De fato, tem-se constatado que os adventistas do sétimo dia, vegetarianos, desfrutam melhor saúde do que aqueles que consomem carne regularmente.

Creio que a mudança para um estilo vegetariano de vida, em vez de limitar a escolha de alimentos, realmente abre uma ampla porta para novas aventuras culinárias. Quando pensamos em todos os vegetais, frutas, grãos, legumes e nozes, colocados à nossa disposição, é fácil antever uma infinidade de pratos que podem ser preparados.

Perspectiva futura

Os vegetarianos sabem que os grãos usados para alimentar animais poderiam ser melhor usados para alimentar seres humanos em inanição. Eles podem demonstrar bondade para com os animais, não os criando para alimentação. Assim, os cristãos vegetarianos podem revelar, de forma prática, seu compromisso como mordomos de Deus.

Talvez a razão mais forte para que um cristão se torne

vegetariano, está baseada em nossa confissão de fé. Cremos na esperança do breve retorno de Cristo, e confiamos em Sua promessa de uma Terra totalmente renovada. Sabemos que ali nada haverá para causar dano ou destruir. O leão habitará com o cordeiro e todas as criaturas viverão em harmonia.

Enquanto nos preparamos para a vida eterna com Deus, façamos de Cristo o centro de nossa vida, e escolhamos um estilo de vida que reflita esse compromisso: "Portanto, quer comais quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus." (I Cor. 30:31). De fato, um estilo de vida vegetariano ajuda-nos a melhor entender e obedecer a direção do Espírito. Excluindo os animais de nossa dieta, começaremos a experimentar os benefícios da vida eterna agora.

Excluir os animais da dieta significa começar a experimentar os benefícios da vida eterna agora.

E o Verbo Se fez carne

HERMAN BAUMAN

Presidente da Associação do Arizona,
nos Estados Unidos.

Que tipo de natureza humana possuía Jesus? Pecaminosa, ou sem pecado? Entre os eruditos que procuram responder a essa pergunta, são verificadas duas posições básicas: a posição *pré-lapsariana* (do latim *lapsus*, que significa errar), e a posição *pós-lapsariana*.

Os defensores da primeira posição sustentam que Jesus possuía uma natureza humana semelhante à que Adão possuía antes da queda. Noutras palavras, uma natureza humana sem pecado. Jesus foi, portanto, totalmente isento de pecado. Nasceu dessa maneira e jamais escolheu pecar. Sua vida foi perfeita em todos os caminhos. Em virtude de ser perfeito e absolutamente isento de pecado, habilitou-Se a ser nosso substituto no Calvário, morrendo para pagar o preço requerido para nosso resgate. Levou sobre Si nossos pecados e, em troca, nos deu Sua perfeita justiça. Em consequência disso, quando Deus olha para nós, não mais vê fraquezas e defeitos, mas apenas a vida perfeita de Cristo a nos envolver.

O grande problema detectado na visão *pré-lapsariana*, é que Jesus tinha a vantagem de já ser perfeito, e, assim, não poderia ser nosso exemplo.

Segundo a posição *pós-lapsariana*, Jesus possuía uma natureza humana semelhante a de Adão, mas depois da queda. Isso significa que Ele tinha uma natureza humana pecaminosa. Defendendo essa teoria, os seus adeptos argumentam ser necessário que Cristo tivesse uma natureza humana pecaminosa, começando justamente no mesmo ponto onde nós comecemos. Somente assim, dizem, Ele poderia ser nosso verdadeiro exemplo, e mostrar-nos que é possível vencer o pecado e viver uma vida de total obediência.

A teoria *pós-lapsariana* traz, no entanto, alguns problemas. Se Jesus possuía uma natureza pecaminosa, obviamente fazia parte da raça humana caída necessitada de reden-

ção. E se Ele necessitava ser redimido, não poderia ser nosso redentor. Existe ainda uma outra questão: nascem as pessoas culpadas e perdidas, ou tornam-se perdidas e culpadas somente quando escolhem pecar? Se nós nascemos apenas com a possibilidade de pecar e não nos tornamos culpados até que escolhamos fazê-lo, então cada bebê que nasce, cada indivíduo que não atinge a idade de decidir, e cada pessoa que não é suficientemente madura mentalmente, será salvo sem um Salvador. Será que Deus levaria para o Céu pessoas em tal condição?

Perfeccionismo

A principal razão para se acreditar e ensinar que Cristo teve uma natureza humana pecaminosa é o conceito de perfeccionismo sem pecado. Há pessoas que crêem e ensinam que Deus terá uma geração final de pessoas que provarão ao Universo ser possível aos seres humanos guardarem a Lei de Deus. A sugestão é que nós somos essa geração, e devemos trabalhar diligentemente para alcançar um nível de total vitória sobre o pecado.

A réplica usualmente dada a essa argumentação tem dois aspectos. Primeiramente, Jesus já providenciou a evidência, a única evidência de que o Universo necessita, de que a Lei de Deus pode ser guardada por seres humanos. Totalmente homem, Ele mesmo cumpriu perfeitamente os requisitos da Lei. Desde então, não existem dúvidas nos seres criados quanto à justiça e honestidade de Deus em requerer obediência. Em segundo lugar, se Deus requer perfeita obediência de todos aqueles que, como uma parte da última geração, devem estar preparados para se encontrar com Ele, é extremamente desencorajador não ter havido ninguém na História, exceto Jesus, que tenha alcançado um padrão perfeito.

É verdade que Deus requer perfeita obe-

diência à Sua Lei. Ellen White afirma: "Deus requer inteira obediência a todos os Seus mandamentos. Ele requer agora, como sempre, perfeita justiça como o único título para o Céu."¹ Mas só existe um caminho para cumprirmos esse requerimento: aceitação de Jesus Cristo como nosso Salvador. "Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isso não vem de vós, é dom de Deus; não de

obras, para que ninguém se glorie." (Efés. 2:8 e 9). "No momento em que o pecador crê em Cristo, ele aparece à vista de Deus sem condenação, pois a justiça de Cristo torna-se sua; a perfeita obediência de Cristo lhe é imputada."² Somos en-

tão vistos por Deus não simplesmente como pecadores, mas como se nunca houvéssimos cometido pecado. "O caráter de Cristo substitui o seu caráter e você é aceito por Deus como se jamais tivesse pecado."³

Não necessitamos temer o julgamento; pois Deus não olha para o que temos realizado, mas o que Jesus tem feito e creditado a nosso favor. "Pela fé em Seu sangue, todos podem ser aperfeiçoados em Cristo Jesus. Graças a Deus por não estarmos lidando com impossibilidades. Podemos pretender santificação. Podemos fruir o favor de Deus. Não devemos estar ansiosos acerca do que Cristo e Deus pensam de nós, mas do que Deus pensa de Cristo, nosso Substituto."⁴

"Sede perfeitos"

As palavras de Jesus, relatadas em Mateus 5:48 preocupam muitas pessoas: "Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste." Que desafio! Ser perfeito como Deus o é. Ellen White, no entanto, explica esse texto dizendo que "como Deus é perfeito em Sua elevada esfera de ação, assim o homem pode ser perfeito em sua esfera humana".⁵

Deveríamos nós alcançar sempre esse alvo, um estado de total inocência? "Nossa vida pode ser perfeita em cada fase de desenvolvimento; contudo haverá progresso contínuo de o propósito de Deus se cumprir em nós. A santificação é obra de toda uma vida."⁶

Se santificação é obra da vida inteira,

nunca alcançaremos o alvo da perfeição, até o momento da nossa morte. Assim, enquanto a vida tem seu curso, devemos continuar crescendo em Cristo e movendo-nos em direção à santificação. "Cristo é o perfeito e santo exemplo, dado para nossa imitação. Não podemos igualá-Lo, mas não seremos aprovados por Deus se não O imitarmos e, de acordo com a habilidade

que Deus nos tem dado, nos assemelharmos a Ele."⁷ Todavia, por mais elevado que seja o alvo, não devemos ficar desencorajados, pois a cada ponto do caminho percorrido sob a justiça de Cristo, somos vistos como

perfeitos e totalmente aceitáveis a Deus.

A palavra "perfeição", como usada nas Escrituras Sagradas, poderia ser melhor compreendida como maturidade. Assim, Deus nos convida a viver um processo de contínuo amadurecimento na experiência cristã, ao longo de toda a vida. "É nossa obra diária avançar rumo à perfeição do caráter, empenhando-nos continuamente na conformidade à vontade de Deus. Os esforços iniciados na Terra, continuarão na eternidade."⁸

Perfeição e maturidade

Para melhor compreendermos o conceito de perfeição "em sua esfera", atencemos para a ilustração que segue. Minha esposa e eu temos uma linda netinha. Quando nosso filho telefonou para avisar-nos do seu nascimento, ele disse: "ela é perfeita." E, de fato, era perfeitamente formada e normal. Era perfeita em sua esfera. Perfeita para seu estágio de desenvolvimento. Mas ela estava longe de ser uma pessoa definitivamente perfeita e amadurecida. Deus nos vê, quando estamos em Cristo, como perfeitos embora nossos atos e performance estejam longe da perfeição definitiva. Exatamente como um bebê cresce e se desenvolve, aprende e amadurece, ao longo da existência, devemos também crescer e desenvolver, aprender e amadurecer espiritualmente enquanto vivermos.

Nossa neta mora distante de nós, e por isso não podemos vê-la tão freqüentemente quanto desejamos. Quando ela completou

dois anos, veio visitar-nos, juntamente com seus pais. Breann, esse é o seu nome, não aprendera ainda a falar “vovó” e “vovô”. Não houve, de nossa parte, nenhum empenho para lhe ensinar a dizer qualquer palavra. Mas nos relacionamos com ela, enquanto todos nos chamavam “vovô” e “vovó”. Depois de uma semana juntos, tivemos que levá-la ao aeroporto, de onde partiria com seus pais de volta para casa. Enquanto acenávamos para eles, Breann olhou para mim, agitou a mãozinha e disse: “tchau vô.” Meu coração encheu-se de louvor e gratidão. Asseguro-lhes que essa indicação de reconhecimento e relacionamento foi totalmente aceitável para mim.

É isso que Deus espera de nós. Embora em qualquer estágio de nossa vida nossa performance não seja 100% perfeita, se estamos em Cristo, Ele nos aceita como se fôssemos perfeitos. E vê isso como um perfeito estágio de nosso desenvolvimento. O Senhor não gostaria de ver-nos hoje mais distantes da perfeição e da santificação, do que estávamos vinte anos atrás. Mas, lembremo-nos de que nossa aprovação por Ele não é baseada em nosso crescimento espiritual; nosso crescimento espiritual é resultado de saber que temos sido aceitos por Ele.

Ausência de pecado

Mas, seria perfeição um assunto de superar cada pecado conhecido na vida de alguém? Recentemente conversei com uma pessoa que garantia não haver pecado durante os dois últimos anos. Ellen White tem conselhos para indivíduos com tal pretensão: “Os que mais perto vivem de Jesus, mais claramente discernem a fragilidade e pecaminosidade do ser humano, e sua única esperança está nos méritos de um Salvador crucificado e ressurgido. ... E a alegação de estarem sem pecado é em si mesma evidência de que aquele que a alimenta longe está de ser santo. ... Quanto maior a distância entre ele e Cristo, e quanto mais impróprias forem suas concepções do caráter e requisitos divinos, tanto mais justo parecerá a seus próprios olhos.”⁹ Posteriormente ela afirmou: “Nenhum dos apóstolos e profetas declarou jamais estar sem pecado. ... Quanto mais nos aproximarmos de Jesus, e quanto mais claramente distinguirmos a pureza de Seu caráter, tanto mais claro veremos a excessiva malignidade do pecado, e tanto

menos nutriremos o desejo de nos exaltar a nós mesmos.”¹⁰

Idéias diferentes

Qual a razão de existirem dois campos opostos, entre os adventistas do sétimo dia, a respeito da natureza de Cristo? Aqueles que adotam o ponto de vista chamado “histórico” ou “verdadeiro”, referem-se aos demais como defensores de uma “nova teologia” ou “heresia”. Numerosas publicações e ministérios independentes proclamam-se a “verdade” sobre o assunto. Ao mesmo tempo, o livro *Questions on Doctrine*, publicado em 1957, tem sido condenado pelos evangélicos como herético.

Por que a confusão? A Bíblia assegura que “no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai” (João 1:1 e 14). Sim, Jesus realmente tornou-Se um Ser humano, um membro de nossa raça. A Bíblia também parece defini-Lo como sendo sem pecado: “Já não falarei muito convosco, porque aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em Mim”. (João 14:30). Satanás não encontrou nada em Cristo que ele pudesse condenar. Pedro expressou a inocência de Jesus, referindo-se a Ele como “cordeiro sem defeito e sem mácula” (1 Ped. 1:19). O autor do livro aos Hebreus O identifica como santo e imaculado: “Com efeito nos convinha um sumo sacerdote, assim como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores, e feito mais alto do que os Céus.” (Heb. 7:26).

Embora a Bíblia se demonstre clara a respeito da inocência de Cristo, algumas referências do Espírito de Profecia parecem apoiar a visão pré-lapsariana da Sua natureza.

“Não devemos ter dúvidas acerca da perfeita ausência de pecado na natureza humana de Cristo.”¹¹

“Devemos ser cuidadosos, extremamente cuidadosos sobre como tratamos a natureza humana de Cristo. Não devemos apresentá-Lo diante do povo como um homem propenso ao pecado. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado puro, inocente, sem uma mancha de pecado sobre si; era a imagem de Deus. Poderia falhar, e falhou ao transgredir. Em virtude do pecado, sua posteridade nasceu com propensões inerentes

para a desobediência. Mas Jesus Cristo foi o unigênito Filho de Deus. Ele tomou sobre Si a natureza humana, e foi tentado em tudo, como a natureza humana é tentada. Poderia haver pecado; poderia ter falhado, mas em nenhum momento houve nele qualquer tendência má. Ele foi assaltado por tentações, no deserto, da mesma forma como Adão foi tentado no Éden.”¹²

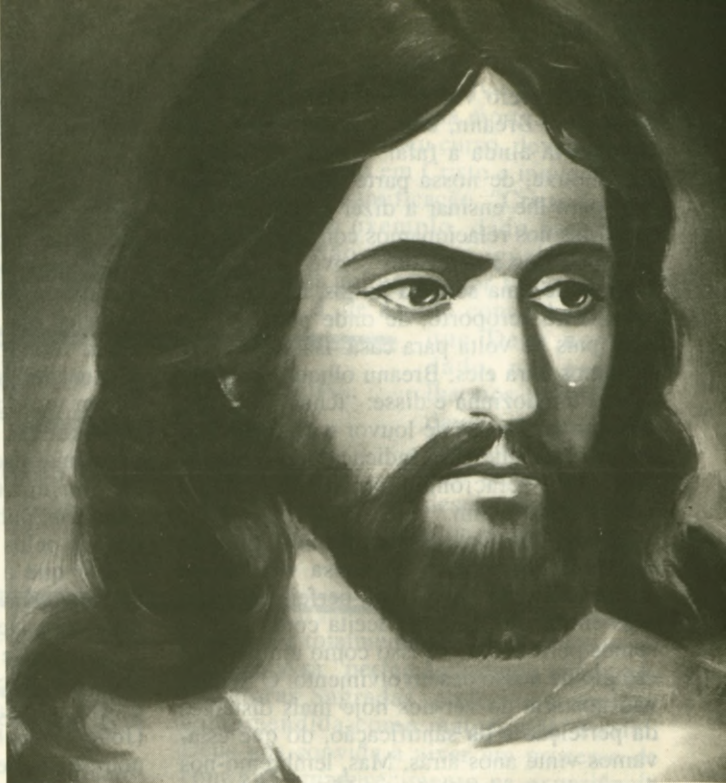
A tentação de Cristo

Jesus, o “segundo Adão”, e perfeitamente inocente, foi tentado. De fato, Ele “foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Heb. 4:15). Assim tornou-Se nosso exemplo perfeito. Foi tentado tão intensamente como nós o somos. “As seduções resistidas por Cristo são as mesmas que nós achamos tão difícil enfrentar. Elas O persuadiram num grau tão elevado quanto o Seu caráter é superior ao nosso.”¹³ Imaginemos a tentação de usar Seu poder divino para proteger-Se e satisfazer Suas necessidades. Quão grande deve ter sido a tentação de fugir da cruz! Nenhum de nós foi tão severamente tentado.

No capítulo intitulado *A tentação*, no livro *O Desejado de Todas as Nações*, Ellen White descreve a grande tentação de Cristo. Atacando-O numa ocasião de debilidade física e emocional, Satanás tentou convencer a Jesus de que Ele não era realmente o Filho de Deus. Na verdade, ele tentou desesperadamente fazer prevalecer a idéia de que ele mesmo, Satanás, era o filho de Deus; e Jesus, o anjo caído. Podemos nós imaginar quão grande foi a tentação, em face da dúvida e da incerteza, para Jesus transformar as pedras em pães? Repito, nenhum de nós foi tão severamente tentado.

Pré-lapsariana ou pós-lapsariana

Consideremos primeiro as seguintes citações de Ellen White a respeito da natureza humana, sem pecado, de Jesus Cristo.



“Jamais, por qualquer maneira, deixemos a mais leve impressão nas mentes humanas de que qualquer mancha, ou inclinação para corrupção, repousou sobre Cristo, ou que Ele produziu corrupção. ... É um mistério que Cristo tenha sido tentado em tudo, como nós, e todavia seja sem pecado. A encarnação de Cristo sempre foi e permanecerá um mistério. O que foi revelado é para nós e nossos filhos, mas seja cada ser humano advertido do perigo de fazer de Cristo um ser humano como qualquer um de nós, pois isso não pode ser.”¹⁴

“Cristo é chamado o segundo Adão. Em pureza e santidade unido a Deus, e amado por Deus, Ele começou onde o primeiro Adão começou. Voluntariamente, Ele passou sobre o terreno onde Adão caiu, e redimiu a sua falha. ... Em Sua natureza humana, Ele manteve a pureza de Seu divino caráter.”¹⁵

“Na plenitude do tempo Ele foi revelado na forma humana. Assumiu Sua posição como cabeça da humanidade por tomar a natureza, não a pecaminosidade do homem.”¹⁶

“Cristo não possui a mesma deslealdade pecaminosa, corrupta e decaída que nós possuímos, pois então Ele não poderia ser um sacrifício perfeito.”¹⁷

Depois de ler tais declarações, não podemos alimentar dúvidas acerca da perfeita inocência da natureza humana de Jesus, e que Ele possuía a natureza de Adão antes da queda. Mas consideremos as referências seguintes, que parecem sugerir a posição pós-lapsariana – que Jesus assumiu a natureza pecaminosa do homem.

“Coberto com as vestes da humanidade, o Filho de Deus veio no nível daqueles aos quais desejava salvar. Não havia nele dolo ou pecaminosidade, Ele era eternamente puro e imaculado; todavia tomou sobre Si nossa natureza pecaminosa.”¹⁸

“Tomando sobre Si a natureza humana em seu estado decaído, Cristo não participou, no mínimo que fosse, do seu pecado. Era sujeito às debilidades e fraquezas que atribulam o homem.”¹⁹

“Ele tomou sobre Si a natureza humana, falha, sofredora, degradada e definhada pelo pecado.”²⁰

“Já teria sido quase uma infinita humilhação para o Filho de Deus tomar a natureza humana, mesmo quando Adão permanecia em sua inocência no Éden. Mas Cristo aceitou a humanidade quando a raça humana encontrava-se debilitada por quatro mil anos de pecado. Como cada filho de Adão, Ele aceitou os resultados do trabalho da grande lei da hereditariedade.”²¹

“Não foi uma imitação de humanidade que Cristo tomou sobre Si. Ele tomou a natureza humana e viveu a natureza humana. ... Ele tomou nossas enfermidades. Ele não apenas Se fez carne, mas foi feito à semelhança de carne pecaminosa.”²¹

A expressão “à semelhança de carne pecaminosa” às vezes apresenta dificuldades. Alguns dizem que seu significado é que Ele tomou a forma e a natureza que apenas “pareciam” carne pecaminosa. Outros insistem em que Ele assumiu exatamente a forma e a natureza de nossa carne pecaminosa. Paulo diz: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz.” (Fil. 2:5-8).

A frase “em semelhança” é traduzida da expressão grega *en homoiomati*. Esse termo

é usado em Romanos 1:23 – “e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis” –, e 8:3 que afirma: “Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o Seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado, e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado.” Significa, porventura, o termo *en homoiomati* exatamente a mesma coisa, todas as vezes? Em caso afirmativo, de acordo com Rom. 1:23, os descrentes literalmente trocaram “a glória do Deus incorruptível” numa imagem de homem corruptível, aves, animais selvagens e cobras. Obviamente tal conclusão é um erro.

Mas, como podemos compreender os dois tipos de declarações de Ellen White, que parecem ser opostos entre si? Contradiz-se o Espírito de Profecia? Era Ellen White ignorante quanto aos fatos? Se a resposta a qualquer dessas duas indagações é “sim”, nós nos encontramos numa luta desesperada.

Possível solução

Eu gostaria de sugerir uma solução possível para o aparente dilema. Embora Ellen White tenha usado o termo “natureza humana” ao referir-se aos aspectos da humanidade de Jesus, talvez alguns termos e definições diferentes ajudem a clarear o assunto. Possivelmente, em seus dias este não era um assunto que suscitasse grande preocupação, ou, quem sabe, a expressão “natureza humana” fosse compreendida de maneira diferente.

É possível que quando Ellen White se referia à natureza humana, sem pecado, de Cristo, ela estivesse falando de Sua natureza espiritual, isto é, Seu relacionamento com Deus o Pai? Ele não nasceu com traços de culpa ou más tendências, como um herdeiro de Adão. Nasceu num estado puro, imaculado e sem pecado, tal como Adão era quando saiu das mãos do Criador. Não seria o caso, ainda, de que quando ela falava da natureza humana, “pecaminosa”, de Jesus, ela estivesse se referindo à Sua condição física, ou seja, fraquezas físicas que são resultado da devastação causada pelo pecado na raça humana? Ele sentiu cansaço, dor, fome e sede. Necessitou comer e repousar. Desejou simpatia humana e divina assistência. Estava

sujeito à morte. Suas circunstâncias, tanto quanto Sua condição física, eram as mesmas de Adão após a queda. Na realidade, eram muito piores, pois Ele juntou-Se à raça humana depois que esta tinha enfraquecido quatro mil anos, desde a entrada do pecado no mundo.

Notemos como esses conceitos estão presentes nas declarações seguintes: "Ele tomou sobre Sua natureza sem pecado, nossa natureza pecaminosa, para que pudesse saber como socorrer aqueles que são tentados."²³

"Ele era isento de corrupção, um estranho ao pecado; todavia Ele orava, e isso frequentemente com fortes clamores e lágrimas. Orava por Seus discípulos e por Si mesmo, identificando-Se assim com nossas necessidades e nossas fraquezas, e falhas tão comuns à humanidade. ... Ele foi um poderoso suplicante, não possuindo as paixões de nossa falível natureza humana, mas circundado por semelhantes fraquezas, tentado em todas as coisas, como nós."²⁴

"A natureza humana de Cristo era semelhante à nossa, e o sofrimento foi mais agudamente sentido por Ele; por Sua natureza espiritual estava livre de cada mancha de pecado. Portanto, Seu desejo para remover o sofrimento era mais forte que seres humanos podem experimentar."²⁵

"Por quatro mil anos a raça tem decrescido em força física, em poder mental, e valor moral; e Cristo tomou sobre Si as enfermidades da humanidade degenerada."²⁶

Inocência e propensão

Tim Poirier, do *White Estate*, numa monografia intitulada *A Comparison of the Christology of Ellen G. White and Henry Melvill*, trata deste assunto. Ele demonstra como Ellen White deve ter usado algumas terminologias de Melvill, ao expressar sua visão (dada por Deus) da natureza de Cristo. Henry Melvill foi um pregador inglês popular no século dezanove, um contemporâneo de Ellen White. Melvill identifica duas conseqüências primárias da queda da raça humana. São elas: "fraquezas inocentes" e "tendências pecaminosas". Por fraquezas inocentes ele apresenta coisas como dor, fadiga, fome, sede, tristeza e morte. Tais coisas, ele diz, são conseqüências da culpa, mas são livres de culpa. O pecado produz dor, mas dor não é pecado.

Ao referir-se às tendências pecaminosas, ele fala das propensões humanas e inclinação para o pecado. Melvill então torna claro que, antes da queda, Adão não possuía nem fraquezas inocentes nem tendências pecaminosas, mas após a queda passou a ter ambas. Cristo, no entanto, segundo ele, tomou sobre Si as fraquezas inocentes, mas não as tendências pecaminosas.

Poderíamos, então, concluir que a natureza humana de Cristo não era nem pré-lapsariana nem pós-lapsariana, mas ambas? Ele era perfeitamente sem pecado, como era Adão antes da queda. A isso nós podemos nos referir como sendo Sua natureza espiritual. Mas Ele teve as fraquezas inocentes que todos nós possuímos, como resultado da queda. A isso podemos nos referir como sendo Sua condição humana.

Graças a Deus, Ele tornou-Se humano e viveu uma vida perfeita para deixar-nos um perfeito exemplo. E graças a Deus, Ele foi perfeitamente sem pecado, digno de ser nosso perfeito sacrifício.

Referências:

1. *SDABC*, vol. 6, pág. 1072.
2. Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 429.
3. _____, *Caminho a Cristo*, pág. 62.
4. _____, *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, págs. 32 e 33.
5. _____, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 365.
6. _____, *Parábolas de Jesus*, pág. 65.
7. _____, *Testimonies*, vol. 2, pág. 549.
8. _____, *Ibid.*, vol. 4, pág. 520.
9. _____, *O Grande Conflito*, págs. 471 e 473.
10. _____, *Atos dos Apóstolos*, pág. 561.
11. _____, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 256.
12. *SDABC*, vol. 5 pág. 1128.
13. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 116.
14. *SDABC*, vol. 5, págs. 1128 e 1129.
15. Ellen G. White, *My Life Today*, pág. 323.
16. *SDABC*, vol. 7, pág. 912.
17. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, pág. 131.
18. _____, *Review and Herald*, 15/12/1896.
19. _____, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 256.
20. *SDABC*, vol. 4, pág. 1147.
21. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 49.
22. *SDABC*, vol. 5, pág. 1124.
23. Ellen G. White, *Medical Ministry*, pág. 181.
24. _____, *Testimonies*, vol. 2, págs. 508 e 509.
25. *SDABC*, vol. 7, pág. 912.
26. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 117.

Razões do crescimento evangelístico em Natal

LUIZ NUNES

Diretor do Salt-Iaene, Cachoeira, BA.

Natal, capital do Rio Grande do Norte, é uma cidade litorânea e a capital mais oriental do Brasil. Trata-se de um centro militar nacional, sendo considerada, internacionalmente, um ponto estratégico importante, como aconteceu na II Guerra Mundial. Nela ainda estão os comandos da Marinha e Aeronáutica para o Nordeste do Brasil. É o ponto geográfico mais próximo para a África.

Sua principal fonte de renda é a comercialização de roupas. Nela estão localizadas grandes indústrias multinacionais dessa área. O motivo do interesse é a produção de algodão com fios longos.

Em 1973, a população local girava em torno de 300 mil habitantes. Essa população cresceu cerca de 135% nos últimos 20 anos, com uma média de 6,75% ao ano, superior, quase cinco vezes mais, ao crescimento populacional do mundo. A cidade vive uma explosão populacional e econômico-financeira, sendo o turismo uma outra grande fonte de renda.

Presença adventista

A Igreja Adventista possuía, em toda a cidade, apenas um templo com aproximadamente 300 membros, que é sua capacidade máxima. Havia ainda duas escolas sabatinas filiais: Cidade Esperança, com 20 pessoas, e Igapó, com o mesmo número de assistentes. No ano de 1975, esses dois núcleos foram organizados como grupo. Daí em diante, o pastor distrital começou a investir fortemente no treinamento dos membros, ministrando cursos de preparo de sermões, professor de Escola Sabatina e instrutor bíblico.

Em 1976, a igreja foi orientada em duas direções: forte ênfase no ensino e vivência da salvação pela fé e planejamento por objetivo. Nos dois anos seguintes, a igreja foi

conduzida, pela pregação e visitação pastoral, a um reavivamento da fé, como o primeiro e principal pilar da mobilização da Igreja. Nesse processo, a comunidade foi levada a buscar um relacionamento espiritual, numa base interpessoal – Jesus e a pessoa, não a pessoa e a igreja, que é um aspecto posterior e secundário ao primeiro. A importância da missão na vida do crente somente será alcançada quando a salvação ocupar o primeiro lugar de sua vida pessoal. Assim, a importância da missão depende da importância da salvação. Nenhum projeto missionário, ou qualquer outro, perdurará mais tempo na vida da Igreja, do que o tempo em que permanece viva a experiência salvífica em seu coração. Para que tal objetivo fosse alcançado, o pastor pregou, ensinou e estudou com a igreja o livro de Romanos. Os melhores programas eclesiais fenecem, antes de qualquer coisa, por causa do obstáculo espiritual.

Planejamento por objetivos

A essa altura, e simultaneamente, iniciou-se um processo de planejamento, cujo primeiro item foi a discussão sobre a filosofia da Mordomia Cristã, onde os aspectos espirituais, missionários, financeiros e recursos humanos são parte de um todo, e não vivem separadamente. A seguir, foi feita uma análise das finanças da igreja local, sua relação com os programas, e o resultado em batismo e o crescimento líquido da igreja. Para surpresa geral, percebeu-se que a maior aplicação de recursos estava em áreas em que menos resultados evangelísticos aconteceram. Logo, foram tomadas duas decisões básicas: primeiro, cada departamento deveria contribuir com seus programas para o objetivo principal – ganhar almas. Segundo, os recursos financeiros, levando-se em

conta a prioridade evangelística, seriam destinados a ela.

O passo seguinte foi a escolha, no último trimestre do ano, dos líderes para os diversos setores e departamentos da igreja. Estes, juntamente com os oficiais do período vigente, reuniram-se em comissões por departamentos. Algumas vezes foram necessárias reuniões conjuntas de várias comissões. Cada grupo deveria estabelecer no mínimo três objetivos, sendo que o primeiro deveria ser a salvação de almas. Esses objetivos deveriam ser apoiados por programas, contendo atividades mensuráveis, que levassem a igreja a alcançá-los. As atividades eram dispostas no calendário anual.

A isso acrescentava-se uma avaliação de despesas, por área. Somente após todas as comissões departamentais planejarem as respectivas atividades para o ano, elaborava-se o orçamento espiritual, assim chamado porque não continha apenas informações de receitas e despesas de cada setor, mas também os objetivos e programas evangelísticos. Cópias desse orçamento foram distribuídas entre todos os membros, que o aprovavam em assembleia, com ou sem modificações. Esse processo era realizado até o mês de dezembro, a fim de que já no dia 1º de janeiro tivesse início a execução das atividades programadas.

O acompanhamento do programa era feito de duas formas, pelos membros: em primeiro lugar, era feito um balancete mensal, que incluía os recursos financeiros gastos e disponíveis, mais os resultados evangelísticos e as realizações de cada departamento. Esse balancete não somente era afixado no quadro de anúncios da igreja, mas era apresentado oralmente no intervalo entre a Escola Sabatina e o Culto Divino. Em segundo lugar, no último sábado de cada trimestre, todas as comissões departamentais se reuniam, para uma avaliação do respectivo planejamento. Verificavam, então, o que foi realizado, as dificuldades encontradas ao longo do caminho, etc. Era o momento em que faziam-se as correções, os ajustes e mudanças necessários.

Resultados

Além desse planejamento anual, havia outro, para ser executado durante cinco anos, contendo grandes metas, tais como implantação de escola de primeiro grau, construção de casa pastoral, sede de acam-

pamento, e estabelecimento da igreja em diversos bairros. Como atividade missionária básica destacou-se a formação de pequenos grupos, com base nas Unidades de Ação da Escola Sabatina e sua subdivisão em duplas evangelizadoras. A cada trimestre elas recebiam material específico gratuito, e área para trabalhar de casa em casa. Além disso, havia também a meta de formar novas congregações, através de campanhas evangelísticas dirigidas por pastores. Logo surgiram três novas congregações: Mãe Luiza, Cidade Esperança e Igapó. As duas últimas se tornaram sedes distritais.

Dez anos depois, em 1983, o número de membros saltara de 378 para 1.015. Um crescimento de 268,51% no período, e uma taxa de crescimento anual correspondente a 26,85%. Nos dez anos posteriores, em 1993, o número de membros já alcançava a marca de 2.981, revelando uma taxa de crescimento ainda maior no período, de 293,36%, e taxa de crescimento anual de 29,33%.

Onde havia apenas uma igreja e duas escolas sabatinas filiais, passados vinte anos, existem atualmente sete igrejas, 13 grupos e seis famílias. A igreja central, anteriormente sede de um único distrito que abarcava todo o Estado, desdobrou-se em quatro distritos pastorais, com amplas possibilidades de surgir mais um distrito na capital.

Os pastores que passaram por este distrito continuaram trilhando os caminhos de fortalecimento espiritual da igreja, planejamento por objetivo, treinamento, prioridade ao evangelismo, formação de pequenos grupos e estabelecimento de novas congregações.

Além do crescimento evangelístico, a Igreja Central de Natal tem o maior índice na devolução dos dízimos em toda a Missão Nordeste. Os projetos de construção tornaram-se realidade, e hoje existem duas casas pastorais, uma sede de acampamento J.A., com toda estrutura para receber caravanas de outras localidades. Recentemente foi adquirido um terreno junto à Igreja Central, onde será construído um edifício para uma escola de primeiro e segundo graus.

Outro grande destaque é o fato de que a juventude da década de 70 ocupa, atualmente, cargos de liderança, com a vantagem de estar melhor preparada intelectual e com melhores condições financeiras. Isso foi possível porque em Natal não ocorreu o êxodo de membros que às vezes acontece em outros lugares.

Um encontro especial

WILSON SARLI

Presidente da Associação Paulista Central



Participantes do Concílio Ministerial da Divisão Sul-Americana, realizado em Lima, Peru.

Foi com grande expectativa que secretários ministeriais das Uniões da Divisão Sul-Americana, administradores, e coordenadoras da Afam viajaram a Lima, capital do Peru, para o I Concílio de Secretários Ministeriais e Coordenadoras da Afam da DSA. O encontro aconteceu nos dias 14 a 16 de fevereiro, nas dependências da Universidade Adventista Incaica, e foi coordenado pela equipe da Associação Ministerial da Divisão: Pastores Alejandro Bullón e José Viana, respectivamente secretário ministerial titular, e associado; e Vasti Viana, coordenadora da Afam.

Pelo menos para as irmãs, o evento representou uma ocasião histórica, levando-se em conta que, segundo elas, foi a primeira vez que participaram de um tal encontro. Entre os

palestrantes, destacaram-se os Pastores James Cress e Joel Sarli, secretários ministeriais da Associação Geral, e Sharon Cress, coordenadora da Afam. As aulas ministradas foram de grande proveito, possibilitando aos presentes a oportunidade de uma avaliação pessoal, tendo em vista descobrir os pontos fortes e fracos no desempenho de suas funções.

Destaques

Este concílio desenvolveu-se de maneira dinâmica, objetiva e prática, com ativa participação dos ouvintes, que buscavam dirimir dúvidas, apresentar novas idéias e dar sugestões.

Alguns conceitos ministeriais foram reafirmados, como o aspecto formativo do aspi-

rantado ao ministério. É nessa ocasião que o obreiro como que define sua própria filosofia de vida pastoral. Daí a necessidade de ser bem acompanhado por pastores de experiência sólida e positiva.

Se houve um tempo em que deveríamos estar unidos em nossos propósitos ministeriais, esse tempo é agora. Estando prestes a "cruzar o Jordão", não podemos correr o risco de nos dividirmos e repetir experiências desagradáveis do passado.

Todo pastor pode e deve buscar a excelência. Cristo não condenou o desejo de progresso. Mas deixou, através de Seus ensinamentos e exemplo, o modelo de como trabalhar corretamente.

Outro ponto relevante foi a ênfase dada à valorização do pastor, como ser humano e

como líder espiritual. É justamente nesses dois aspectos e seus desdobramentos que o secretário ministerial deve atuar junto aos pastores. Como pastor, advogado e amigo dos pastores, não deve, entretanto, ser conivente com falhas e maus hábitos. Deve preocupar-se com a espiritualidade do pastor e família, ajudando-o a desenvolver um equilíbrio plano de trabalho, priorizando tempo para sua comunhão pessoal com Deus e atendimento à família.

O local do concílio também foi um ponto a ser destacado. Não poderia ter sido melhor e mais apropriado. A Universidade Adventista Incaica é uma instituição que honra a Educação cristã adventista, possuindo características de Primeiro Mundo. Fomos recebidos e hospedados com muita nobreza e bondade. A simpatia cristã e a hospitalidade foram marcantes. Sem dúvida, por trás de tudo esteve a figura do Dr. Heleodoro Rodrigues, reitor da Universidade.

Reações positivas

O Pastor José Viana dirigiu o encerramento do concílio, garantindo que o próximo encontro acontecerá em 1997. "Quando penso em meu ministério, gostaria de gastar mais tempo com meus colegas pastores para exercer junto a eles minha influência e deixar que eles exerçam sua influência sobre mim", disse ele.

De um modo geral o encontro agradou a todos e cumpriu seus objetivos. O Pastor Alejandro Bullón afirmou: "É nosso anelo que este concílio marque um tento imperecível na vida de cada um de nós, e seja um verdadeiro fortalecimento de nossa comunhão com Deus. Que resulte em uma clara compreensão de nossa missão. Que a experiência que adquirimos nestes dias renove em cada um de nós o compromisso de terminar a Obra do Senhor."



Pastor James Cress, da AG, fala aos congressistas, traduzido por Merlin Alumia, à esquerda.

Pastoreando em um mundo complexo

DAVID E. THOMAS

*Pastor da igreja de Village, em South
Lancaster, Massachusetts.*

De depois de 14 anos no ministério adventista, o idealismo acabou substituído pelo realismo. Esse foi um processo que ocorreu em meio a lutas com a desilusão. Algumas vezes cheguei a considerar a possibilidade de abraçar uma outra vocação. Mas depois de muito pensar, decidi continuar sendo um pastor. E, ao contrário de muitos dos meus colegas, espero permanecer por longo tempo. Afinal, amo meu trabalho.

De alguma forma, identifico-me com o profeta Jeremias. Zeloso pela Palavra do Senhor, ele testemunhou sentir um "fogo ardente", encerrado nos ossos, impelindo-o a continuar seu trabalho (Jer. 20:9). Posso dizer que também senti esse fogo; mas isso não é tudo o que realmente senti. Quero abrir meu coração e partilhar as contemplações e reflexões de um pastor real, vivo, escrevendo a partir de uma perspectiva norte-americana.

Não posso saber plenamente o que o ministério representava para as gerações passadas, embora tenha lido os escritos de pastores antigos e conversado com alguns deles. Indubitavelmente, o trabalho de pastorear tem sofrido mudanças ao longo de algumas décadas. Os pastores dos anos 90 enfrentam desafios complexos que têm multiplicado as dificuldades e o estresse de nossa atividade.

Rápida avaliação

Antes de prosseguir, devo lembrar que minhas reflexões são descritivas, não pejorativas. Nada têm de criticismo, mas representam fatos do ministério vivido no dia-a-dia. Não se esqueça de que tenho em alta estima meu papel de pastor.

Algumas das condições que nós enfrentamos, como pastores, hoje, são de caráter social. O envolvimento materialístico tem diminuído o sentimento de necessidade de Deus. Além disso, a sociedade tem se tornado completamente secularizada. O

povo cultua a ciência e seus métodos, e são educados no ceticismo. Aqueles que vivem a religião não são altamente considerados.

Enquanto o respeito por nossa vocação tem declinado, a complexidade de suas demandas somente cresceu. As igrejas instruídas não toleram a mediocridade pastoral. O aumento das responsabilidades de aconselhamento complica nossa carga de trabalho. Enfrentamos uma montanha de deveres administrativos. Uma nuvem de papéis e numerosas comissões para atender. Diversas congregações, espalhadas em gigantescos distritos, para agradar.

Nosso trabalho vital é nutrir o rebanho através da visitação. Não é fácil motivar voluntários, especialmente agora quando nossos membros tornaram-se resistentes quanto a responder

Enquanto o respeito pela
vocação pastoral tem
declinado, a complexidade
de suas demandas
somente cresceu.

por obrigação ou sentimento de culpa. Também se mostram céticos diante das variadas táticas promocionais. Tudo isso faz da participação da igreja no evangelismo público um grande desafio. E ainda não mencionei as necessidades de nossas famílias, nossas necessidades físicas, pessoais, emocionais e espirituais.

Salário

Como se nada do que foi dito acima fosse suficiente, os pastores têm tido pouco ganho financeiro. Menciono isso não por ser antagonista, nem por achar que a Igreja seja injusta. Todavia, os pastores atualmente não recebem um merecido salário, se comparado ao que nossos co-

legas recebiam no passado. Alguns discordarão disso, mostrando que o salário dos pastores é recheado com auxílios adicionais. Certamente esses auxílios, na América do Norte, são muito bons. Todavia, já por algumas décadas, os pastores vêm regularmente recebendo significativamente menos que seus pares de gerações passadas. Impostos e custos educacionais aumentam velozmente, bem como o custo de vida em geral. Com os recursos da Igreja mantidos num limite, os aumentos de salários nem sempre acompanham a escala inflacionária.

Tudo isso complica a vida do pastor atual. É praticamente impossível viver com um salário. Tendo feito isso durante nove anos, enquanto as crianças cresciam e atingiam a idade escolar, minha esposa e eu podemos testemunhar como nos foi possível manter o padrão – só com muita economia e, às vezes, com a generosidade dos avós. Agora que nossos filhos estão na escola, um salário simplesmente não é o bastante para prover todas as necessidades, pelo menos onde nós vivemos.

Triste constatação

O assunto discutido até agora tem suas causas ou raízes na sociedade em geral, refletindo-se na Igreja. Mas existem outros desafios pastorais originados dentro da nossa própria comunidade. Devemos estar abertos para discuti-los também, embora suscitem alguma controvérsia e coloquem

algumas pessoas na defensiva.

Falando especificamente, eu creio que nosso trabalho é mais difícil na atualidade porque, segundo minhas observações, pastorear não parece ser a nossa maior preocupação. Detesto essa conclusão, mas tenho que aceitá-la forçosamente. Odeio pensar na possibilidade de que qualquer Igreja – não excluindo a minha que foi estabelecida para proclamar o evangelho – devesse chegar ao ponto no qual pastorear não seja a maior preocupação. Mas

consideremos os fatos.

Em nossa Associação, aproximadamente 30% do total dos dízimos são gastos com salários de pastores. Isso significa que de cada um dólar que um membro devolve como dízimo, meros 30 centavos, de fato, vão para os salários e auxílios pasto-

rais, excluída a aposentadoria. Muito obviamente, de uma perspectiva orçamentária, pastorear não é a maior preocupação de nosso Campo, e, talvez, do seu.

O fato que tão pouco seja investido em salários significa que os pastores devem rotineiramente conduzir multidistritos. Os membros dispõem de parca assistência pastoral. Nossos orçamentos contradizem o fato de que consideramos o trabalho de pastorear, como muito significativo para o crescimento da Igreja. Pelo contrário, esse até pode ser o ponto crítico para o seu avanço.

Algo mais deve ser levado em conta. Obreiros da administração e departamentais ganham mais que pastores distritais. Embora a diferença não seja muito grande, ela fala alto e bem claro que no sistema de valores da Igreja, o trabalho pastoral está na base inferior, em termos de escala salarial.

Além dos salários mais altos, eles dispõem de outros recursos como ajuda de secretárias, por exemplo. Isso dá-nos uma idéia de prioridade, fala-nos a respeito de qual trabalho é realmente mais importante. Não admira, então, que muitos aspirem à uma “promoção” no trabalho, num doloroso contraste com aqueles que desejam permanecer, ou retornar à função que uma vez galgaram. A triste verdade é que nós consideramos um retorno ao pastorado como uma “queda”, algo como uma tragédia. O pastorado é o lugar de último recurso.

Finalmente, nós podemos determinar o nível de prioridade do pastorado pelo que acontece em tempos de crise. Com a possível exceção das secretárias, os pastores parecem ser os mais ameaçados. Sempre aparece alguém com a “solução” para a dificuldade de um Campo: reduzir o número de pastores e aumentar a área dos distritos.

Exercer o pastorado numa Igreja onde o que você faz não é a maior prioridade, difícil o trabalho hoje em dia. Alguns descreveriam isso como demasiadamente lúgubre. Mas a Igreja deve buscar soluções. Para que isso seja feito com seriedade, devemos compreender a natureza complexa do chamado pastoral.

Requerimentos do ministério

O que é necessário para que nosso pastorado se torne mais efetivo nos dias atuais? Primeiramente, precisamos manter comunhão cada vez mais íntima com Deus. Nossas afeições devem ser submetidas a Ele, a fim de que nos molde e aperfeiçoe dia após dia.

Os pastores também necessitam de integridade. Levando em conta que nosso trabalho não é altamente considerado nos dias atuais, é especialmente importante manter elevados padrões na família, na vida pessoal e entre outros relacionamentos. Devemos ser verazes, honestos e genuínos. Necessitamos manter integridade financeira, e não rebaixar nossa vocação solicitando favores especiais de quem quer que seja.

Há necessidade de pastores que demonstrem genuíno interesse pelas pessoas – assistindo-as, ensinando-as, orando com elas, protegendo-as. Devemos nos sacrificar no altar do serviço, morrendo muitas vezes, para que outros possam viver.

Um pastor deve estar comprometido com a excelência. Se houve um tempo em que o ministério deveria abeberar-se de fontes profundas, esse tempo é agora. Necessitamos de excelência na arte de conduzir al-

mas a Cristo, excelência em sólida pregação bíblica, que confronte a igreja com a mensagem de Deus. Para que sejam prósperos em seu trabalho, os pastores necessitam ter a certeza do chamado de Deus. A exemplo de Jeremias, precisamos sentir o “fogo ardente”, penetrando em nossos ossos, uma persuasão interior que nos compele a continuar a caminhada. Tal sentimento mantém nossa vocação na perspectiva correta e provê uma âncora em tempos de angústia e desencorajamento.

A certeza do chamado fortalece o compromisso com o eficaz exercício do ministério. O pastorado não é algo inferior, uma função da qual esperamos ser promovidos, um trampolim para uma posição melhor. Simplesmente não existe nada melhor ou superior. Ensinar, pregar, proteger, levar esperança, pela graça de Deus, são aspectos deste grande trabalho. Qualquer outra função na Igreja é secundária, e só existe para apoiá-lo.

O prêmio

A pesar das dificuldades e desafios, problemas e tensões, o pastorado é imensamente recompensador. Não há como descrever o contentamento sentido diante da certeza da bênção de Deus em nosso ministério. Palavras não podem descrever a alegria sentida, quando uma pessoa desanimada encontra paz em Jesus. Não há maneira de descrever a bênção de um sermão bem preparado, bem transmitido, e bem recebido. Não é possível verbalizar a satisfação de ver o evangelho dar sentido a uma vida anteriormente inútil.

Eu não sei o que me reserva o futuro. O Deus que me chamou para o ministério, pode um dia qualquer dispensar-me.

Sei que, no presente, devo permanecer justamente onde estou – no pastorado. Sem o menor sentimento de perda. Sem frustrações. Sem imaginá-lo como um trampolim. A verdadeira visão do chamado e o sentido de realização não permitem pensar diferente.

**O pastorado não
é uma tarefa inferior a
nenhuma outra.
Simplesmente
não existe nada melhor
ou superior. Qualquer
outra função na
Igreja é secundária.**

Prisioneira de Jesus Cristo

KIMA JUDE

*Esposa de pastor, mãe e escritora em
Rockledge, Florida, EUA.*

Onde o papai está indo?”, perguntou-me meu filho de cinco anos, enquanto ambos pressionávamos o nariz contra a janela e observávamos a rua e um grupo de casais que estava reunido no pátio da igreja, perto de nossa casa.

“Papai está indo fazer visitas”, eu respondi, olhando a multidão que o esperava lá fora. “Ele está indo falar de Jesus.”

Enquanto isso, eu permaneceria em casa, como sempre, cuidando das crianças. Normalmente, a maternidade é um papel que me realiza, mas naquele dia senti-me infectada pela impaciência. Pensei então: “Quão prazeroso seria falar a outros a respeito de Jesus. Mas quem virá bater à minha porta e perguntar-me a respeito dEle?” E voltei, mal-humorada, à tarefa diária de lavar roupas.

Quando eu me casei com um pastor, imaginei-me trabalhando lado a lado com ele, fazendo minha parte para salvar o mundo. Mas agora, pensei comigo mesma, tenho de limitar-me a apoiá-lo, à distância.

De fato, antes de tornar-me mãe, sentia-me mais ativa nos trabalhos da igreja. Todavia, quando as crianças chegaram, uma a uma, isso mudou muito. Mas nem os muros da minha casa estancaram meu desejo de estar ativamente envolvida num ministério mais amplo. Embora eu ensinasse a Bíblia para minhas crianças e desempenhasse algum papel no programa da igreja, sentia-me demasiadamente confinada ao lar.

“Senhor, de que maneira podes usar-me?” tornou-se minha oração diária, enquanto meu esposo pastoreava, e eu voltava a entoar os mesmos sombrios corinhos. As

tarefas diárias tornavam-se insípidas. Eu não estava com inveja do meu esposo; ele era um pastor, e eu era sua ajudadora. Meu desejo não era substituí-lo em seu trabalho, mas que o Senhor pudesse contar comigo de alguma forma.

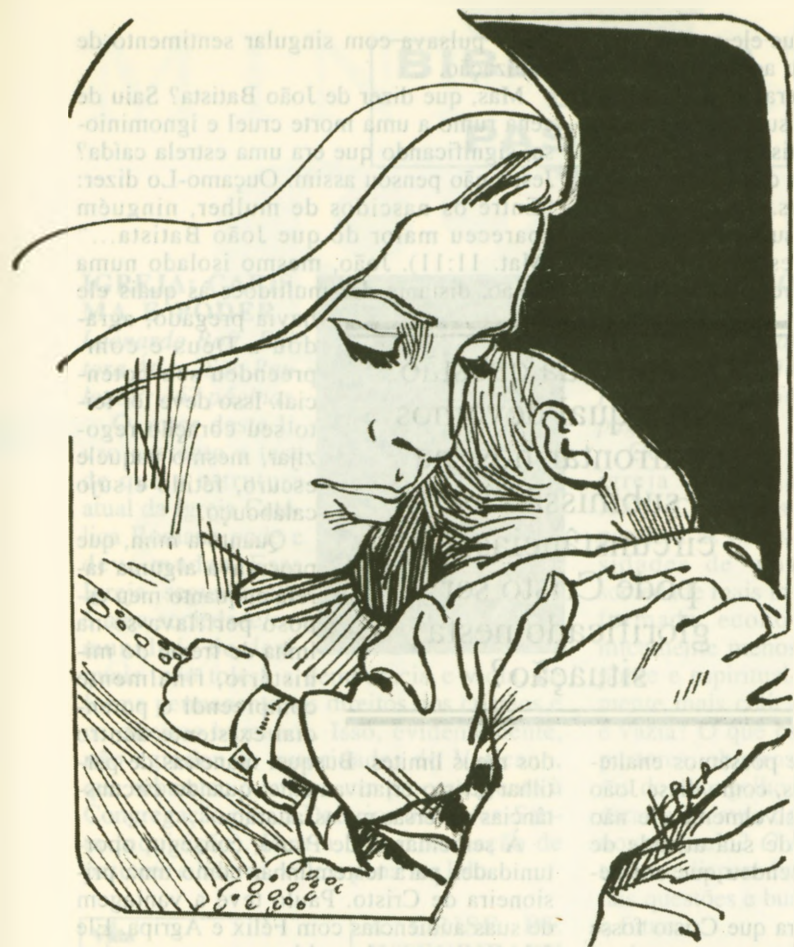
Soldado ou prisioneiro

Na igreja, eu freqüentemente cantava sobre ser um soldado da cruz, mas estava começando a sentir-me como uma prisioneira de guerra, acorrentada em minha própria casa. Senti-me limitada para realizar a missão devido a algumas unhas afiadas – as minúsculas mãos de minhas crianças. Meu dilema era justamente uma reflexão sobre um problema familiar. Não se tratava de um conflito entre família e carreira profissional, mas um equilíbrio entre família e serviço para Deus.

Seria esse, realmente, o problema? Desajava eu, de fato, um ministério de linha de frente, dado por Deus, ou estaria procurando experimentar um sentimento de glória passageira? Se meus motivos eram puros, de fato, como poderia um desejo inspirado por Deus produzir insatisfação, especialmente quando eu compreendia que meu primeiro dever era para com meus filhos?

Tentando conciliar meu desejo com meu dilema, busquei nas Escrituras alguns modelos de mulheres e seus respectivos papéis. Não trabalhava Priscila justamente ao lado de Áquila? Encontrei também paralelo em Paulo e João Batista, dois prisioneiros na linha de frente da batalha.

Porventura Paulo sentia-se desgastado, ao



ser levado aos tribunais quando pesava-lhe nos ombros a enorme tarefa de evangelizar o mundo? Em mais de uma ocasião, ele escreveu sobre o “desejo” de estar em outro lugar. Seria o tempo em que permanecera em prisões desperdiçado e infrutífero? Ou, que dizer sobre João Batista, que preparou o caminho para Cristo e morreu numa prisão?

Bendita prisão

Seguramente, meu desejo de servir a Deus O agradava, ao contrário do meu descontentamento. Afinal, Ele aprovava minha missão de mãe. Ele me abençoou com filhos, e acompanhava minhas limitadas responsabilidades no ministério de linha de frente. Minha atitude readquiriu a perspectiva própria, quando eu me vi não como uma mãe confinada ao lar, mas como uma “prisioneira de Cristo”.

Paulo, como um “prisioneiro de Jesus

Cristo” continuou servindo a Deus apesar das algemas que o prendiam. Quando aprisionado em Roma, continuava tendo a Cristo como seu Mestre. A servidão do apóstolo jamais se curvou aos romanos. Seu carcereiro supremo era Cristo. Se, de igual forma, eu reconheço Jesus como o Senhor de minha vida, posso estar segura de que nada foge a seu controle ou sua atenção. Conquanto pareça que nossa sujeição às circunstâncias signifique desperdício de tempo, energia e oportunidades, as Escrituras apresentam muitos exemplos de pessoas escolhidas por Deus, vivendo em tais situações.

Daniel foi um cativo em terra estranha. Jacó, durante muitos anos, foi um escravo. Épocas de restrições e

provas, quer permanentes ou passageiras, modelam a argila de nossas almas. Finalmente, “aqueles que esperam no Senhor renovam as suas forças” (Isa. 40:31).

Reconciliando com restrições

Em meu caso particular, o reconhecimento de Cristo como Mestre foi o primeiro passo para aceitar as restrições que me eram impostas pelas circunstâncias. Isso foi um processo difícil, assim como o foi para João Batista. Quando Jesus apareceu em cena, o fiel precursor simplesmente disse: “Importa que Ele cresça e que eu diminua.” (João 3:30). Este foi um ato voluntário de deferência, da parte de alguém que posteriormente lutou em aceitar a condenação que pôs fim a seu ministério público. Enquanto permanecia na prisão, seguramente João sonhava com o que poderia estar fazendo por Cristo. Dúvidas e questionamentos o ator-

mentaram de tal forma, que ele enviou mensageiros a Cristo: "És Tu aquele que havia de vir, ou devemos esperar outro?" (Mat. 11:3). Jesus não removeu suas algemas, nem derribou as paredes da prisão, mas transmitiu a João a mensagem de que ele necessitava aceitar as circunstâncias.

Paulo também lutou, suplicando a Deus que lhe removesse um "espinho" da carne (II Cor. 12:7). Mesmo ao registrar a resposta de Deus, no sentido de que Sua graça era suficiente para envolver o tal "espinho", o anelo de Paulo foi satisfeito. Ele testemunhou que aprendera a "estar contente".

O centro da questão com a qual devemos confrontar-nos, na submissão às circunstâncias, é: Pode Cristo ser glorificado nesta situação? Algumas vezes as provas sur-

gem justamente para que possamos enaltecê-Lo. E nós diminuímos, como disse João Batista. E ele o fez. Possivelmente ele não conhecesse a extensão de sua atitude de subjugar-se, mas compreendeu que era necessário fazê-lo.

Quantas vezes orei para que Cristo fosse glorificado em minha vida, apenas para logo após lamentar as restrições encontradas ao longo do caminho. A verdade é que nem sempre aproveitei as oportunidades já disponíveis. Agora, posso dizer que aprendi a lição. Por exemplo, quando testemunhas de Jeová batem à porta, não mais as despeço com uma polida desculpa de diferenças doutrinárias incontornáveis. Ao contrário, tomo tempo para partilhar com elas o Jesus que eu conheço.

Compreendendo o potencial

Uma vez adaptado às situações adversas, Paulo compreendeu o potencial missionário que elas possuíam. Certa ocasião, ele declarou: "...as coisas que me têm acontecido têm antes contribuído para o progresso do evangelho" (Fil. 1:12). Muitas de suas epístolas foram escritas dentro de uma cela. Pregou aos guardas e visitantes. Enquanto permaneceu aprisionado, seu co-

ração pulsava com singular sentimento de realização.

Mas, que dizer de João Batista? Saiu de cena rumo a uma morte cruel e ignominiosa, significando que era uma estrela caída? Jesus não pensou assim. Ouçamo-Lo dizer: "Entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista..." (Mat. 11:11). João, mesmo isolado numa prisão, distante das multidões às quais ele

havia pregado, agradeu a Deus e compreendeu seu potencial. Isso deve ter feito seu coração regozijar, mesmo naquele escuro, fétido e sujo calabouço.

Quanto a mim, que procurava alguma tarefa enquanto meu esposo perfilava-se na linha de frente do ministério, finalmente compreendi o potencial existente dentro

dos meus limites. Busquei maneiras de partilhar Cristo criativamente, quando circunstâncias adversas me assaltaram.

À semelhança de Paulo, consegui oportunidades para testemunhar como uma prisioneira de Cristo. Paulo teve a vantagem de suas audiências com Félix e Agripa. Ele falou aos guardas. Algumas vezes, tive como auditório os amigos dos meus filhos ou algum mecânico de automóvel. Posso ainda convidar alguém à minha casa. Através da oração, posso ir a todo o mundo sem sair de casa.

De meu próprio lar, não de algum lugar distante, posso reunir comida e roupa, e distribuir entre os pobres. As sementes que procurei cultivar em meus filhos constituem meu mais importante ministério. E por aqueles dias, semanas e meses atravessados sem uma reconhecida oportunidade na linha de frente, lembro-me do que Jesus falou imediatamente após Sua observação sobre João Batista: "mas o menor no reino dos Céus é maior do que ele."

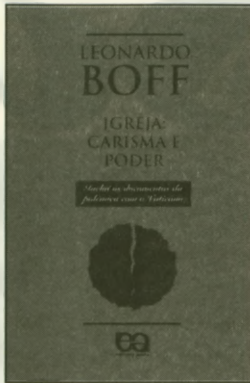
Agora, com algumas de minhas crianças na escola e uma enfermaria na igreja, retornaram as oportunidades para o ministério fora de casa. Mas onde quer que eu esteja servindo a Deus, sempre quero ser uma prisioneira de Jesus Cristo.

O centro da questão com a qual devemos confrontar-nos, na submissão às circunstâncias, é: pode Cristo ser glorificado nesta situação?

BIBLIOTECA DO PASTOR

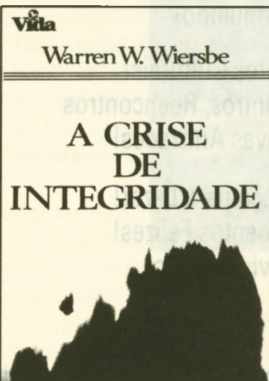
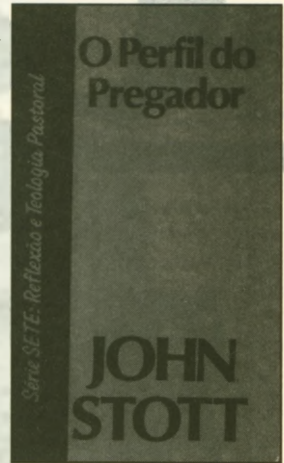
IGREJA: CARISMA E PODER – Leonardo Boff, Editora Atica, São Paulo, SP; 367 páginas.

O autor deste livro sustenta a tese de que a estrutura atual da Igreja Católica Romana pode e deve mudar. Essa Igreja, segundo ele, é uma sociedade/comunidade de desiguais, não tolera a democracia e viola, de forma permanente, os direitos dos cristãos e os direitos humanos. Isso, evidentemente, não agradou às autoridades do Vaticano, que submeteu o autor a um processo junto à Congregação para a Doutrina da Fé (ex-Santa Inquisição). Para a boa informação de pastores e líderes, vale a pena ser lido.



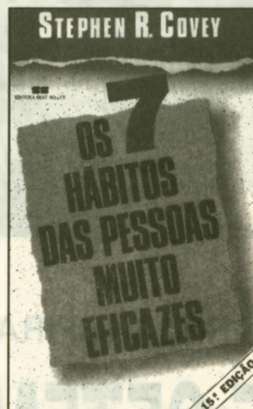
O PERFIL DO PREGADOR – John Stott, Editora Sepal, São Paulo, SP; 166 páginas.

Como será a igreja do século XXI? Como responderá às necessidades de uma sociedade mais informada, economicamente menos pobre e espiritualmente mais cética e vazia? O que os pastores, obreiros, missionários e pregadores do evangelho deverão fazer para comunicar a Palavra de Deus de forma eficaz no novo século? *O Perfil do Pregador* é um texto indispensável para quem pensa sobre tais questões e busca a direção de Deus para o futuro.



A CRISE DE INTEGRIDADE – Warren W. Wiersbe, Editora Vida, São Paulo, SP; 111 páginas.

Por que deve a igreja ser ouvida? Que evangelho está a igreja proclamando? O evangelho do sucesso e da prosperidade? Que é o sucesso, e como a igreja mede o sucesso de seus líderes? Quem está fazendo o quê – e para a glória de quem? Pode a popularidade ser a garantia de um bom caráter? Essas e outras questões fundamentais, envolvendo ética cristã e, conseqüentemente, ministerial, são bem discutidas neste livro. Warren W. Wiersbe mostra o caminho para uma igreja renovada, que uma vez mais terá o direito de ser ouvida.



OS 7 HÁBITOS DAS PESSOAS MUITO EFICAZES – Stephen R. Covey, Editora Best Seller, São Paulo, SP; 372 páginas.

Este livro é uma síntese das idéias que podem conduzir a melhorias sensíveis em termos de desempenho profissional e satisfação pessoal. Abrindo a mente das pessoas para as “coisas permanentes” – valores, família, relacionamento e comunicação – o autor escreveu um livro prático, portador de uma mensagem vital para indivíduos que se preocupam seriamente com o êxito autêntico e tudo o que ele proporciona.

CADA VEZ



MELHOR!

Casa

berta

95

14^a
EDIÇÃO



- 1** Novos Lançamentos e Promoções Especiais
- 2** Música Vocal e Instrumental ao Vivo! Show da Turma do Noguinho!
- 3** Eventos Culturais! Encontros, Reencontros e Novas Amizades!
- 4** Espaço para Lazer! Momentos Felizes! Convívio Sadio!

2016

ALEGRIA! INSPIRAÇÃO! ECONOMIA!

10 DE SETEMBRO DE 1995

Tatuí, SP